



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA- TO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

DORALICE PEREIRA RODRIGUES

**AS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU NO POVOADO
CENTRO DOS BORGES DO MUNICÍPIO DE RIACHINHO-
TOCANTINS EM 2021 E 2022**

Araguaína/TO
2022

DORALICE PEREIRA RODRIGUES

**AS QUEBRADEIRAS DE COCO NO POVOADO CENTRO DOS
BORGES DO MUNICÍPIO DE RIACHINHO-TOCANTINS EM
2021 E 2022**

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína, Curso de Licenciatura Plena em Geografia para obtenção do título de licenciada e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Profa. Dra. Kênia Gonçalves Costa

Araguaína/TO
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- R696q Rodrigues, Doralice Pereira.
As quebradeiras de coco babaçu no povoado Centro dos Borges do município de Riachinho-Tocantins em 2021 e 2022. / Doralice Pereira Rodrigues. – Araguaina, TO, 2022.
76 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaina - Curso de Geografia, 2022.
Orientadora : Kênia Gonçalves Costa

1. Mulheres. 2. Quebradeiras de coco babaçu. 3. Extrativismo. 4. Trajetórias socioespaciais. I. Título

CDD 910

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).


DORALICE PEREIRA RODRIGUES

**AS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU NO POVOADO
CENTRO DOS BORGES DO MUNICÍPIO DE RIACHINHO-
TOCANTINS EM 2021 e 2022**


Monografia foi avaliada e apresentada à UFT –
Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Araguaína, Curso de
Licenciatura Plena em Geografia para obtenção
do título de licenciada e aprovada em sua forma
final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: ____ / ____ / ____


Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 KENIA GONCALVES COSTA
Data: 10/08/2022 17:20:41 0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Profª. Dr. Kênia Gonçalves Costa (Orientadora) UFT

Documento assinado digitalmente
 KENIA GONCALVES COSTA
Data: 10/08/2022 17:21:40 0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Profª. Ivone Reis da Cruz (Avaliadora Externa – SEDUC-TO)

Documento assinado digitalmente
 KENIA GONCALVES COSTA
Data: 10/08/2022 17:22:42 0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Prof. Dr. Alberto Pereira Lopes (Avaliador Interno UFT)

Araguaína, 2022

“Ser mulher quebradeira de coco é ampliar os horizontes; é lançar-se na política; é gerar e mover a economia do babaçu; e, ainda mais, é gerar e mover vidas solidárias em um compromisso que extrapola gerações e espécies. O vivido destas mulheres é marcado pela assunção da responsabilidade pela conciliação entre a quebra do coco, o trabalho na roça, as atividades domésticas, a liderança política, a discussão econômica, a articulação enfim [...].”
(DIAS, 2012)

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por me permitir chegar até aqui. Em segundo lugar a minha família, em especial ao meu pai Euclides da Conceição, que não mediu esforços para que eu pudesse permanecer no curso e assim concluí-lo, que mesmo sem ter estudado sempre me motivou a estudar, serei eternamente grata por todos os ensinamentos e dedicação na criação dos seus três filhos.

Agradeço a família formada pelas amigas e amigos da graduação, as amizades que fiz ao decorrer do curso foram e são essenciais na minha vida, vocês me deram apoio, motivação para continuar essa trajetória, obrigada(o) por me ouvirem com desabafos, sorrisos e até choros, não citarei nomes porque são muitos, mas recebam os meus mais sinceros agradecimentos.

Ao meu companheiro de vida, Mateus Silva Alencar, que em meio aos desafios, dúvidas e medo sempre esteve ao meu lado, nós conhecemos na Universidade e desde então tenho compartilhado minha vida e esse sonho com ele, obrigada por todo apoio e incentivo.

Estendo o agradecimento aos professores do colegiado de Geografia em Licenciatura, onde sempre encontrei simpatia, profissionalismo e colaboração. Agradeço aos membros da banca examinadora, por dedicar um pouco do seu tempo e conhecimento para contribuir com este trabalho e com o meu crescimento acadêmico.

Agradeço a Universidade Federal do Tocantins (UFT), pela oportunidade da prática docente no qual me permitiu vivenciar momentos de grandes aprendizagens, pelas experiências acadêmicas que contribuíram em minha formação. Agradeço especialmente a minha orientadora a professora Dr^a Kênia Gonçalves Costa, obrigada por aceitar construir comigo esse trabalho, obrigada também pela compreensão e paciência. Sempre tive uma grande admiração pela profissional que você é, pode ter certeza de que sua segurança e confiança em mim foram fundamentais para superar os momentos de desesperança.

Agradeço as mulheres quebradeiras de coco do povoado Centro dos Borges, em particular a minha mãe dona Maria das Dores Rodrigues Aguiar, mulher quebradeira de coco, obrigada pelo seu companheirismo, foi comigo nas visitas, me acolheu na sua residência, ver a sua felicidade em fazer parte desta pesquisa só me fez ter a certeza de que estou no caminho certo.

Meus agradecimentos às quebradeiras de coco: Maria Dinalmi Barbosa Costa, Maria José Alves de Araújo, Raimunda Gomes de Sousa e Izaneide da Silva Sousa, as quais aceitaram

participar dessa pesquisa, sem dúvida a pesquisa de campo foi uma experiência única e que fez toda diferença na construção deste trabalho, obrigada por disponibilizarem o tempo de vocês, por me receberem tão bem com direito a um cafezinho, sinto-me privilegiada em poder conhecer suas trajetórias de vida e contá-las, em cada conversar um novo aprendizado, tenham certeza que vocês são exemplos de garra, luta e resistência.

Por fim, agradeço a todos que contribuíram de forma direta ou indiretamente para a realização deste trabalho!

RESUMO

O presente trabalho trata-se da trajetória de vida de cinco mulheres quebradeiras de coco babaçu no povoado Centro dos Borges do município de Riachinho-Tocantins, abordamos o extrativismo, os movimentos sociais dando ênfase no protagonismo feminino, o ensino de Geografia articulado ao tema da pesquisa. Tendo como categorias geográficas de análise a categoria Lugar e Território. Desta forma o objetivo deste trabalho é analisar a trajetória socioespacial das quebradeiras de coco babaçu do povoado Centro dos Borges, no município de Riachinho- Tocantins no ano de 2021 e 2022. Para construir a pesquisa identificou, historicizou os lugares e território dessas mulheres em sua vida cotidiana. Utilizou-se como metodologia a pesquisa exploratória com abordagem qualitativa, a pesquisa bibliográfica, o estudo de campo que propiciou conhecer e observar como é o dia a dia das mulheres quebradeiras de coco babaçu, outro procedimento usado foi o estudo de caso que possibilitou fazermos uma análise e descrição aprofundada sobre o fenômeno pesquisado, a coleta de dados primários através de um roteiro de entrevista semiestruturada com perguntas abertas relacionadas ao contexto social, econômico e cultural das interlocutoras da pesquisa, envolvendo observações empíricas, outra fonte de dados utilizada na pesquisa foram os registros fotográficos ao decorrer do estudo de campo, o levantamento de dados secundários foram obtidos por meio do levantamento bibliográfico mediante a leituras de artigos e trabalhos publicados que discutem e analisam a temática da pesquisa. Alicerçadas nas categorias geográficas de território e lugar apresentando os elementos que construíram a vivências destas mulheres que promovem geração de renda por meio de práticas tradicionais e em parceria com o ambiente. Consideramos que apesar das limitações que tivemos para desenvolver a pesquisa devido ao Covid-19 os resultados obtidos foram significativos, portanto, contribuirá para o conhecimento da área de estudo, a identidade das quebradeiras de coco babaçu e como esses saberes são importantes para a manutenção da vida e também na construção dos saberes no ensino de Geografia na educação básica.

Palavras-chaves: Mulheres. Quebradeiras de Coco Babaçu. Extrativismo. Trajetórias Socioespaciais. Identidade.

ABSTRACT

The present work deals with the life trajectories of five women coconut shell farmers in the town of Centro dos Borges in the municipality of Riachinho-Tocantins, addressing extractivism, social movements emphasizing female protagonism, and the teaching of Geography articulated on the topic research. I have as geographical categories of analysis to category Place and Territory. Thus, the aim of this work is to analyze the socio-spatial trajectory of the coconut shell creeks of Centro dos Borges village, Riachinho-Tocantins municipality in 2021 and everyday life. Exploratory research with qualitative approach, bibliographic research, or field study was used as methodology to understand and observe how the women coconut drinkers live on a daily basis in-depth analysis and description of the researched phenomenon, primary data collection through a series of semi-structured interviews with open-ended questions related to the social, economic and cultural context of the research respondents, enveloping empirical observations, another data source used in the research formed photographic records as decorrer do field study, or secondary data survey foram obtained through bibliographic survey through readings of published articles and works that discuss and analyze the research topic. Arranged in geographical categories of territory and place presenting the elements that will build the lives of these women that promote income generation through traditional practices and in partnership with the environment. We consider that despite the limitations we have in developing research due to Covid-19 the results obtained foram significant, therefore, will contribute to the knowledge of the study area, the identity of coconut drip creeks and how these knowledges are important for their conservation life and also in the construction of knowledge in the teaching of Geography in basic education.

Keywords: Women. Breakers of Coconut Babassu. Extractivism. Sociospatial Trajectories. Identity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

	Página
Figura 1- Imagem de um Babaçal	17
Figura 2- O fruto do babaçu	18
Figura 3- O fruto do babaçu sua composição	10
Figura 4- Palmeiras de babaçu no Povoado Centro dos Borges (Riachinho-TO)	22
Figura 5- Casa com o telhado da palha do babaçu no Povoado Centro dos Borges (Riachinho-TO)	22
Figura 6- Côfos	23
Figura 7- Raimunda Gomes da Silva (Quebradeira de coco e liderança)	39
Figura 8- Maria do Socorro Teixeira Lima (Quebradeira de coco e liderança)	40
Figura 9- Município de Riachinho - TO e o Povoado Centro dos Borges	44
Figura 10- Povoado Centro dos Borges (Riachinho - TO)	46
Figura 11- A Quebradeira de Coco Raimunda Gomes de Sousa	49
Figura 12- Casca do coco pronta para ser entregue ao intermediário	50
Figura 13- A Quebradeira de Coco Maria das Dores Rodrigues Aguiar	52
Figura 14- A Quebradeira de Coco Maria Dinalmi Barbosa Costa	53
Figura 15- Cocos amontoados no quintal da Dona Izaneide da Silva Sousa	54
Figura 16- A Quebradeira de Coco Maria José Alves de Araújo	55
Figura 17- Coco amontoado no quintal	55
Figura 18- Machado, cunha, cacete de madeira usados na quebra tradicional do coco babaçu	58
Figura 19- Processo realizado para extrair o azeite de coco	59

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APATO	Associação Tocantinense de Agroecologia
AMB	Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais de Buriti
AMTR	Associação das Mulheres Trabalhadoras Rurais
ARENT	Associação da Reserva Extrativista Extremo Norte do Tocantins
ASMUBIP	Associação Regional das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Bico do Papagaio
AEFA-BICO	Associação Escola Família Agrícola do Bico do Papagaio
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CNS	Conselho Nacional das Populações Extrativistas
CPT	Comissão Pastoral da Terra
COOAF-Bico	Cooperativa de Produção e Comercialização dos Agricultores Familiares Agroextrativistas e Pescadores Artesanais de Esperantina
CIMQCB	Cooperativa Interestadual das Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu
CNS	Conselho Nacional dos Seringueiros
CUT	Central Única dos Trabalhadores
EFA-Bico	Escola Família Agrícola no território do Bico do Papagaio
FETAET	Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Tocantins
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MMC	Movimento de Mulheres Camponesas
MIQCB	Movimento Interestadual de Quebradeiras de Coco Babaçu
MMA	Movimento de Mulheres Agricultoras
OIT	Organização Internacional do Trabalho
ONG	Organização Não Governamental
PNCSA	Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia
PNPCT	Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais
RESEX	Reserva Extrativista
RME	Rede Mulher de Educação
STTR	Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais
UFT	Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. QUEBRADEIRAS DE COCO DO LUGAR AO TERRITÓRIO.....	21
2.1. A TEMÁTICA “QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU” E O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA	29
3. QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU: LUTAS E RESISTÊNCIAS	33
3.1. ARTICULAÇÕES E LUTAS DAS QUEBRADEIRAS DE COCO	35
3.2. O PROTAGONISMO FEMININO: QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU NO ESTADO DO TOCANTINS	38
4. A MULHER COMO FORÇA DE TRABALHO NO CAMPO	43
4.1. POVOADO CENTRO DOS BORGES (RIACHINHO-TO).....	44
4.2. AS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU NO POVOADO CENTRO DOS BORGES DO MUNICÍPIO DE RIACHINHO-TO: TRAJETÓRIA SOCIOESPACIAL E IDENTIDADE.....	47
4.2.1. A Identidade das Quebradeiras de Coco Babaçu do Povoado Centro dos Borges.....	47
4.2.2. Trajetórias Socioespaciais das Quebradeiras de Coco Babaçu do Povoado Centro dos Borges	48
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	65
APÊNDICE	69
APÊNDICE 1 - Plano de aula (a)	69
APÊNDICE 2- Plano de aula (b).....	71
APÊNDICE 3- Plano de aula (c)	73
ANEXOS	75
ANEXO 1. Roteiro semiestruturado para coleta de dados primários.....	75
ANEXO 2. Termo de autorização para uso de dados coletados.....	76

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como tema as “Quebradeiras de Coco Babaçu no povoado Centro dos Borges do município de Riachinho - Tocantins em 2021 e 2022”. Mediante a minha vivência e as relações familiares com mulheres quebradeiras de coco babaçu, por conhecer essa cultura que se fez e faz muito presente na trajetória da minha família, se faz importante expor de forma significativa as protagonistas e suas histórias, valorizando as nossas raízes e os saberes culturais que foram e são passados de geração em geração, uma atividade que além de gerar renda provém alimentos para as famílias do povoado Centro dos Borges (Riachinho - TO).

O caminho inicial aconteceu por meio de alguns questionamentos: a) conhecer quem são as quebradeiras de coco babaçu; b) por quantas mulheres esse grupo é formado no povoado; c) compreender qual o papel dessas mulheres na comunidade e no seu lugar de vivência; d) discernir quais as condições sociais e econômicas que elas estão inseridas; e) conhecer quais as trajetórias de vidas dessas quebradeiras e quais dificuldades encontradas/enfrentadas no seu dia a dia; f) como promove o fortalecimento da identidade das quebradeiras de coco do povoado e a sua inserção na sociedade, escola, projetos e na esfera política; g) como acontece o extrativismo no povoado, o coco babaçu como renda; h) qual o conhecimento dessas mulheres sobre o Movimento Interestadual de Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB) e i) qual a importância do babaçu livre na escala local.

A pesquisa se justifica no âmbito de que essas mulheres que além de serem quebradeiras de coco babaçu são donas de casa, mãe, provedora de renda da sua família, têm a necessidade de terem visibilidade na sua comunidade e suas trajetórias de vidas contadas, que sejam inseridas em projetos, nas escolas através da troca de saberes culturais e local.

A pesquisa foi realizada no povoado Centro dos Borges ao qual pertence ao município de Riachinho - Tocantins, localizado na mesorregião do Bico do Papagaio, norte do estado do Tocantins, com as quebradeiras de coco babaçu que é um grupo formado por mulheres da comunidade do povoado Centro dos Borges que são, sobretudo mulheres camponesas, agricultoras familiares, trabalhadoras rurais que vivem da quebra e da coleta do coco babaçu, são mulheres que fazem essa atividade em casa individualmente ou coletivamente com outras quebradeiras de coco do povoado.

Os locais que coletam os cocos do babaçu são nas fazendas próximas ao povoado. Tradicionalmente essa palmeira denominada cientificamente “*Attalea ssp*” e popularmente

conhecida por babaçu, as quebradeiras de coco do povoado utiliza o fruto, palha, a amêndoa tem-se o azeite, produzido para o consumo sendo também destinando a venda, da amêndoa retira-se o leite usado no preparo de comidas típicas, das cascas produzem o carvão que serve para uso no dia a dia, já as palhas são usadas na cobertura de casas e na confecção de côfos. Essa comunidade tem seu modo de vida conectado ao território onde vivem e têm seus conhecimentos sobre o uso do babaçu passado de geração em geração, para as mulheres desta comunidade ser quebradeira de coco babaçu tornou-se um modo de vida.

Desta forma o objetivo deste trabalho é analisar a trajetória socioespacial das quebradeiras de coco babaçu do povoado Centro dos Borges, no município de Riachinho-Tocantins no ano de 2021 e 2022.

Para construir a pesquisa identificou, historicizou os lugares e território dessas mulheres em sua vida cotidiana. Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa. Com base na pesquisa bibliográfica, utilizou-se para a pesquisa o estudo de campo que proporcionou conhecer e observar como é o dia a dia das mulheres quebradeiras de coco babaçu do povoado Centro dos Borges, outro procedimento usado foi o estudo de caso que permitiu fazer uma análise e descrição mais aprofundada sobre o fenômeno pesquisado, a adoção do estudo de caso justifica-se pela sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências. Vale lembrar que o estudo de caso, devido “[...] o planejamento da pesquisa exploratória seja bastante flexível, na maioria dos casos assume a forma de pesquisa bibliográfica ou de estudo de caso [...]” (GIL, 2002, p. 41).

A pesquisa qualitativa apresenta características que correspondem às necessidades do nosso estudo, pois possibilita descrever um fenômeno em profundidade e interpretar aspectos da vida social, procurando compreender as experiências vividas no cotidiano, além de englobar diferentes técnicas de coleta de dados que contribuirão na execução da pesquisa (GIL, 2002).

Para a coleta de dados primários foi preparado um roteiro de entrevista semiestruturada contendo perguntas abertas relacionadas ao contexto social, econômico e cultural das participantes da pesquisa. As observações empíricas permitiram analisar com mais facilidade as narrativas, as histórias das quebradeiras de coco babaçu no povoado Centro dos Borges (Riachinho -TO).

As interlocutoras foram as mulheres que fazem parte do grupo das quebradeiras de coco babaçu no povoado com auxílio de entrevistas semiestruturadas (Anexo 1) gravadas previamente com a autorização das mulheres quebradeiras de coco. Destacando que foram

seguidas todas as recomendações de segurança quanto à pandemia durante as visitas e na aplicação das entrevistas.

A visita à comunidade durou quatro dias, sendo do dia 14\10\2021 até o dia 17\10\2021, durante esses dias que permaneci no povoado foram realizadas cinco entrevistas com as participantes selecionadas, com uma faixa etária de quarenta e três a sessenta e três anos de idade, fui às casas das quebradeiras juntamente com a minha mãe a Dona Maria das Dores Rodrigues Aguiar a qual reside no povoado e é quebradeira de coco, por conhecer o grupo de mulheres ela me acompanhou ao decorrer das visitas.

Pelas casas que passamos fomos bem recebidas, me apresentei e expus a pesquisa, mostrei e expliquei o “Termo de Autorização para uso de dados coletados” (Anexo 2) para poder realizar a entrevista, como algumas delas só aprenderam a escrever o próprio nome procurei passar as informações de forma simples e objetiva em uma linguagem que as mesma pudessem compreender, ao final de cada entrevista era nítido a satisfação delas por estarem participando de uma pesquisa, em contar as suas trajetórias de vidas, em serem finalmente vistas e ouvidas na sociedade.

Outra fonte de dados utilizada na pesquisa foram os registros fotográficos ao decorrer do estudo de campo. Os levantamentos de dados secundários foram obtidos por meio de levantamento bibliográfico mediante as leituras de artigos e trabalhos publicados que discutem e analisam a temática da pesquisa.

Quanto à relação da pesquisa com o ensino da Geografia, partindo do que está no documento da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) (BRASIL, 2018), ao se referir ao ensino da Geografia na Educação Básica pode-se perceber através das habilidades apresentadas nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental que temos como inserir a temática “As Quebradeiras de Coco Babaçu” nos conteúdos trabalhado na disciplina de geografia, através das categorias geográficas lugar, paisagem e território abordando os saberes culturais do(a) aluno(a), a paisagem do seu lugar de vivência, a escala local e global a partir do território, possibilitando assim que esse aluno(a) comece sua aprendizagem geográfica através do lugar que ele(a) esteja inserido, na sala de aula há múltiplos saberes e a Geografia abri esse espaço para que seja trabalho os saberes culturais e científicos , “[...] pois na escola pública tem uma população numerosa, heterogênea do ponto de vista escolar e sociocultural- diferenças de idade, de valores, de hábitos, de origens sociais e culturais”. (PONTUSCHKA, 2005, p.112).

Para isso se faz necessário que o docente da unidade escolar apoie a inserção de conteúdos voltados para o extrativismo do babaçu na escala local, de forma que essa atividade não seja relacionada só com a economia do babaçu, mas relacionada também com a subsistência, mediante a isso o professor também vai conhecer o(a) seu(sua) aluno(a), conforme Pontuschka (2005, p.112) entende que “Conhecer os alunos, as representações sociais e os saberes que trazem é a primeira tarefa do professor de qualquer disciplina [...]”, ao conhecer esses(essas) alunos(as) o(a) professor(a) na sua prática docente possibilitará que haja um diálogo entre os saberes pré-existentes dos(as) alunos(as) e o conhecimento mediado por eles, assim ao inserir os(as) educandos(as) no processo de ensino-aprendizagem despertará o interesse destes pelo conteúdo que será trabalhado em aula.

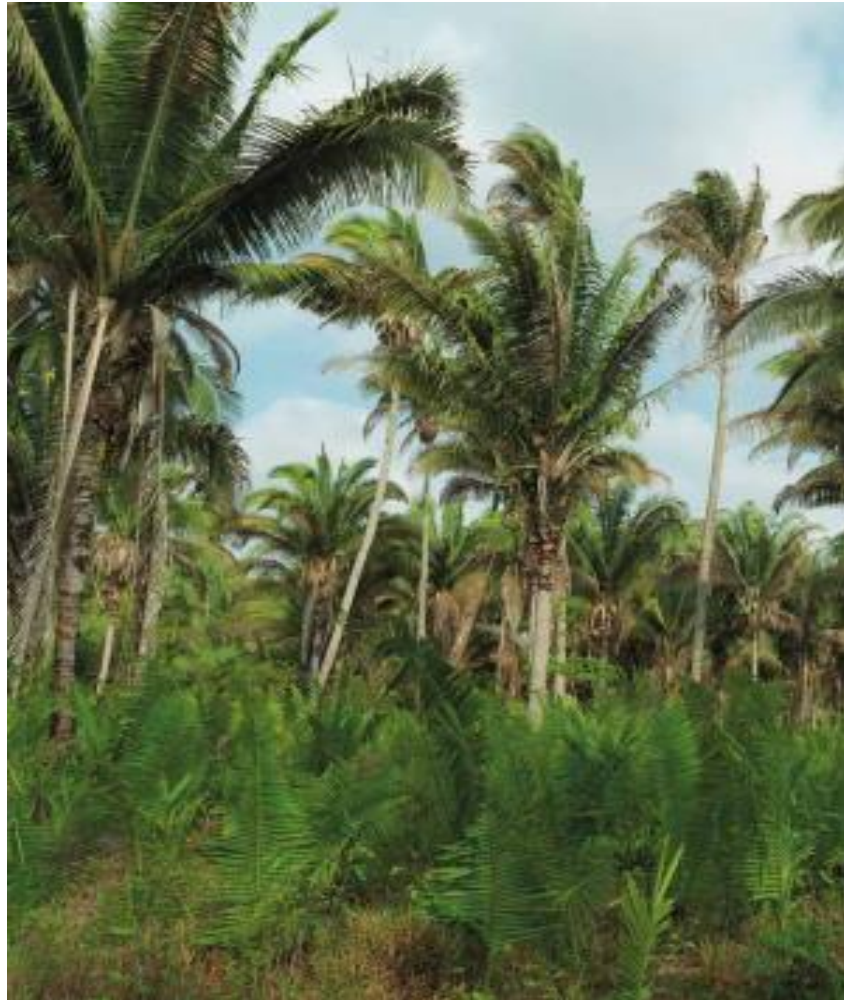
Portanto, apresentamos uma proposta metodológica para que a temática “Quebradeiras de Coco Babaçu” seja trabalhada no ensino de Geografia visando a escola do povoado Centro dos Borges município de Riachinho-Tocantins, a Escola Municipal Tancredo Neves recebe os alunos(as) do povoado e dos assentamentos próximos, possui a Educação Infantil e o Ensino Fundamental séries iniciais e finais, de acordo com os(as) funcionários(as) da unidade escolar, a mesma conta com aproximadamente 400 alunos(as).

A proposta é trabalhar a temática desta pesquisa a partir de três categorias geográficas sendo elas: Paisagem, Lugar e Território, desse modo serão elaborados três planos de aula, contendo: tema, conteúdo programático, competências e habilidades de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), objetivos gerais e específicos, metodologia, recursos didáticos, uma atividade para a fixação do conteúdo (avaliação) e as referências. Através dessa proposta pretende-se relacionar a Geografia com o cotidiano do(a) aluno(a), relacionando os conteúdos geográficos com a localidade em que vivem os alunos, espera-se que o(a) discente possa conhecer o espaço onde vive, os saberes tradicionais existentes na sua comunidade e desenvolva o raciocínio geográfico.

Essa pesquisa tem como foco o coco babaçu que é encontrado nos babaçuais (Figura 1) que cobrem cerca de 196 mil km² do território brasileiro, em áreas de transição entre dois biomas Cerrado e Amazônia (Mata dos Cocais), contendo uma forte concentração desses babaçuais nos estados do Maranhão, Tocantins e Piauí. A palmeira pode medir de 10-30 metros de altura, inicia o ciclo de produção aos 15 anos, cada safra pode conter de 3 a 5 cachos por ano, com 300 a 500 cocos em cada cacho. O fruto do babaçu conhecido como coco babaçu é um dos principais produtos extrativistas do Brasil. Carrazza *et al.* (2012) citam que segundo o

censo agropecuário, a amêndoa do babaçu é o segundo produto florestal não madeireiro mais vendido no Brasil, com cerca de 120 mil toneladas anuais.

Figura 1. Imagem de um Babaçal



Fonte: CARRAZZA; SILVA; ÁVILA, 2012

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012) os babaçuais é a principal vegetação da Mata dos Cocais, ocupando enormes extensões de terra são cerca de 18 milhões de hectares, o babaçu é uma planta nativa do cerrado e da região amazônica, situados em uma área formada entre dois biomas o Bioma Amazônico e o Bioma Cerrado.

O coco (Figura 2) é constituído por quatro componentes: epicarpo, mesocarpo, endocarpo e as amêndoas (Figura 3). O epicarpo é a camada externa, rija e fibrosa; o mesocarpo,

camada abaixo do epicarpo é um complemento alimentar rico em amidos, minerais e fibras, substância usada na produção da farinha do babaçu; o endocarpo é a camada mais resistente aproveitada na confecção de artesanato e na produção do carvão, parte interna próxima as amêndoas; as amêndoas, a sua quantidade pode varia de um a oito amêndoas, no entanto a média mais frequente é de três a quatro amêndoas em cada fruto, é constituída por mais de 60% de óleo extraído e utilizado na indústria cosmética e alimentícia (CARRAZZA; SILVA; ÁVILA, 2021, p. 13-15).

Como trabalhar esse tema da pesquisa que são as quebradeiras de coco babaçu que vivem especificamente no povoado Centro dos Borges (Riachinho-TO), inicialmente identificando quem são essas mulheres e sua importância para a comunidade, como seu trabalho define o território e os lugares, assim podem ver o quanto são importantes por gerar renda, manter a sobrevivência da família/comunidade, preservar o ambiente dos babaçuais e lutar contra a expropriação dos recursos naturais pelo capital.

Figura 2. O fruto do babaçu



Fonte: CARRAZZA; SILVA; ÁVILA, 2012

Figura 3. O fruto do babaçu sua composição



Fonte: CARRAZZA; SILVA; ÁVILA, 2012

Desse modo, este trabalho está estruturado em tópicos e subtópicos. Após esta introdução, o segundo tópico intitulado **Quebradeiras de Coco do Lugar ao Território** aborda inicialmente que são as quebradeiras de coco no geral, apresentar o babaçu o uso desse recurso natural na comunidade estudada, traz os conceitos de extrativismo e extrativismo do coco babaçu, discorre sobre os territórios dos babaçuais e as territorialidades, a atuação da Tobasa na região dos babaçuais, apresentamos as categorias geográficas usadas na pesquisa lugar e território, neste tópico apresentamos ainda uma proposta metodológica para trabalhar a temática da pesquisa no ensino de Geografia.

O terceiro tópico **Quebradeiras de Coco Babaçu: Lutas e Resistências**, abordamos o conceito de gênero, a concepção da sociedade sobre gênero, e por fim, a condição da mulher na

sociedade, as lutas e resistências, os movimentos sociais, a profissão de quebradeira de coco no âmbito rural e urbano. Seguindo a discussão permeou as **“Articulações e Lutas das Quebradeiras de Coco”** tratam dos saberes tradicionais das quebradeiras de coco, expõe o uso do babaçu a partir desses saberes, cita os movimentos sociais, associações, cooperativas e outras instituições criados através da luta do campo das mulheres camponesas, agricultoras e quebradeiras de coco, neste tópico ainda destacamos a criação, atuação e papel do MIQCB (Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu). Dando continuidade discute-se **“O Protagonismo Feminino: Quebradeiras de Coco Babaçu no Estado do Tocantins”**, versa sobre a trajetória de vida de duas lideranças militantes, mulheres quebradeiras de coco no Tocantins, dona Raimunda Gomes da Silva (Raimunda Quebradeira de Coco) e dona Maria do Socorro Teixeira Lima (Socorro).

No quarto tópico: **A Mulher como Força de Trabalho no Campo**, traz o conceito de trajetórias socioespaciais, o conceito de identidade segundo Hall (1999), e as múltiplas identidades aderidas pelas quebradeiras de coco ao decorrer de suas trajetórias de vida. Aborda **“Povoado Centro dos Borges (Riachinho -TO)”** onde apresentamos a historicidade da comunidade estudada, os aspectos culturais, econômicos e sociais, como se deu a formação do povoado. Apresentando **“As Quebradeiras de Coco Babaçu no Povoado Centro dos Borges do Município de Riachinho -TO: Trajetória Socioespacial e Identidade”**, apresentando as participantes desta pesquisa é como se deu as visitas no povoado Centro dos Borges, além de elucidar **“Trajetórias Socioespaciais das Quebradeiras de Coco Babaçu do Povoado Centro dos Borges”**, este consiste na coleta de dados primários na comunidade a partir de um roteiro semiestruturado direcionado às cinco mulheres quebradeiras de coco selecionadas no povoado, apresentamos os diálogos, os registros fotográficos, a relação dessas mulheres com o lugar, com o extrativismo do babaçu, quais os conhecimentos que elas têm sobre: o MIQCB, o Dia Estadual da Quebradeira de Coco e a Lei do Babaçu Livre, assim como o impacto da Covid-19 na vida dessas quebradeiras de coco babaçu no povoado.

E, por fim, o quinto e último tópico se atém às considerações finais, apresentamos como resultados obtidos as respostas dos questionamentos iniciais os quais nos levaram a construir este trabalho.

2. QUEBRADEIRAS DE COCO DO LUGAR AO TERRITÓRIO

As Quebradeiras de Coco são mulheres camponesas, agricultoras familiares, trabalhadoras rurais, donas de casa, mães, são múltiplas, elas protagonizam sua própria história, um grupo de mulheres que possui uma forte relação com os saberes culturais, tendo essa atividade como uma tradição antiga que é repassada entre as gerações, à vista disso, a coleta e a quebra do coco é apoiada na tradição cultural. Entende-se que essas mulheres possuem sua importância social, econômica, cultural bem como ambiental, nesta perspectiva Barbosa (2008, p. 260) argumenta que “[...] agroextrativistas também têm concebido os babaçuais como um elemento marcante de suas identidades, culturas e histórias, e como recurso natural com forte potencial econômico, utilizando-os em diferentes momentos de sua vida cotidiana [...]”, a quebra do coco babaçu é realizada principalmente por mulheres, se tornando fundamental para a economia familiar na zona rural.

Para existir uma quebradeira de coco babaçu precisamos deste fruto que vamos apresentar, o babaçu é um tipo de palmeira pertencente à família *Arecaceae* nome científico atribuída às palmeiras. Babaçu é o nome comum de várias espécies do gênero *Attalea*, existem diversas espécies sendo as mais conhecidas e utilizadas a *Attalea phalerata* e a *Attalea speciosa*.

Nesta pesquisa identifica-se que a espécie usada pelas quebradeiras de coco do distrito Centro dos Borges seja a *Attalea speciosa* (Figura 4), existente em abundância no estado do Tocantins, conhecida popularmente como coco-de-palmeira, coco-de-macaco, coco-pindoba, mãe palmeira entre outros nomes.

A comunidade estudada usa esse recurso natural desde as palhas que são usadas na cobertura de casas (Figura 5), utilizada também para confeccionar côfos um pequeno recipiente usado tanto para colocar as amêndoas após ser extraída do coco como para transportar os cocos no momento da coleta (Figura 6), já do fruto (coco), elas (quebradeiras) extraem o azeite, o leite e o carvão.

Figura 4. Palmeiras de babaçu no Povoado Centro dos Borges (Riachinho -TO)



Fonte: RODRIGUES, 2021.

Figura 5. Casa com o telhado da palha do babaçu no Povoado Centro dos Borges (Riachinho -TO)



Fonte: RODRIGUES, 2021.

Figura 6. Côfos



Fonte: RODRIGUES, 2022.

Para entender as atividades desenvolvidas por essas mulheres vamos conceituar o que é extrativismo no geral e extrativismo do coco babaçu, assim podemos compreender essa importante atividade que remonta aos primórdios da humanidade.

O extrativismo é a atividade humana mais antiga que existe, sendo praticada desde as sociedades primitivas até os dias atuais, com os recursos obtidos da floresta os diferentes grupos garantiam a sua sobrevivência. Para Suárez (2007, p.35), o extrativismo poder ser entendido, “[...] como um termo que designa todas as atividades de extração, do meio ambiente, de produtos de origem vegetal, animal ou mineral, porém está frequentemente associado a produtos vegetais [...]”. O extrativismo vegetal é a primeira forma de exploração dos recursos naturais, de acordo com o IBGE (2004), o extrativismo vegetal divide-se em dois grupos principais os produtos madeireiros (madeira em tora, lenha, carvão e nó-de-pinho) e os não madeireiros (borrachas, fibras, gomas, frutos e amêndoas oleaginosas, frutos, folhas e raízes medicinais, aromáticas, corantes e alimentícias, entre outros), portanto o babaçu é denominado um produto florestal não madeireiro.

O extrativismo do coco babaçu não é uma prática recente, sua maior incidência se dá nos estados do Maranhão, Tocantins, Pará e Piauí nessas regiões esse tipo de extrativismo é fundamental para as famílias e grupos que vivem dessa atividade. Sendo uma atividade

praticada por homens e mulheres, no entanto têm sido as mulheres que assumem essa prática como um modo de vida é uma profissão.

Desde os primeiros registros da quebra do coco, produzidos por diferentes sujeitos e setores sociais, é possível notar, ainda que de modo indiciário, essa atividade sendo relacionada sobretudo ao universo feminino. Ao longo dos anos, num movimento que se poderia perceber na média ou mesmo na longa duração, constituíra-se um padrão no qual imaginar ou comentar sobre a quebra do babaçu implicaria em vislumbrar um sujeito feminino quebrando o coco. (BARBOSA, 2013, p.87)

Segundo Rocha (2011) o extrativismo do babaçu dar-se de três maneiras, a primeira é a extrativista de base familiar (tradicional), através da coleta e quebra do coco, o uso do babaçu e para o consumo doméstico e para a comercialização de subprodutos, a segunda é a coleta do coco inteiro para o abastecimento de indústrias e siderúrgicas, a terceira é a exploração industrial que faz o aproveitamento integral do coco babaçu para fins comerciais.

Para as mulheres dessa região o extrativismo do babaçu ocorre de forma sazonal, às quebradeiras não quebra coco o ano inteiro, pois o período de safra ocorre entre os meses de setembro e outubro até metade de abril (estação chuvosa) onde se torna difícil sua exploração devido ao aumento das chuvas, o que dificulta a coleta do coco nos babaçuais, mediante a isso as mulheres possuem outras atividades na comunidade ou na roça, para obter uma renda financeira. O aproveitamento do babaçu é feito de forma integral em razão dos saberes e conhecimentos tradicionais que as quebradeiras de coco possuem, através do extrativismo essas mulheres produzem diversos produtos para uso culinário, artesanal, como: óleo, azeite, leite, farinha, carvão, cestos, cobertura de casas.

O território dos babaçuais consiste em uma área de 18 milhões de hectares, os estados de maior concentração da palmeira são: Maranhão (MA), Tocantins (TO), Piauí (PI) e Pará (PA) para esses estados a extração e o beneficiamento do fruto de babaçu representa a renda de muitas famílias da zona rural, o extrativismo do babaçu é praticado por vários grupos nessas regiões, o estado do Maranhão ganha destaque por concentrar a maior parte da produção de amêndoas de babaçu em todo o território brasileiro. Essas regiões de incidência dos babaçuais tem um contexto histórico marcado por uma forte disputa agrária, atualmente em razão da maioria das quebradeiras de coco não ter posse de terra os conflitos ainda persistem já que as quebradeiras são impedidas de adentrar nos babaçuais, tanto as quebradeiras de coco como outras comunidades tradicionais vivenciam a exploração dos recursos naturais pelo capital, a perda dos seus territórios para grandes proprietários de terra, a atuação das indústrias e siderúrgicas no território dos babaçuais, o avanço da agropecuária à expansão de grandes

monoculturas (soja, eucalipto), o desmatamento dos babaçuais, a não aplicação da Lei do Babaçu Livre, as situações de opressão.

O caso das quebradeiras de coco babaçu ainda é significativo para afirmar que, ao defender seu direito de ir e vir, estas mulheres demonstram as limitações de um sistema proprietário, de raízes modernas, que não procura instrumentalizar a função social da terra. O perfil eurocêntrico, que inspirou a legislação clássica dos sistemas proprietários, não reconheceu este uso da terra, relegando ao esquecimento a forma de vida destas mulheres. (FRANÇA *et al.*, 2015, p.304)

O estado do Piauí possui uma área de babaçual de 1.977.600 hectares, nessa região foi constatado devastação de babaçuais, envenenamento das pindovas, compra do coco inteiro, aliciamento de trabalhadores, aumento na plantação de soja, pecuária, privatização do acesso aos babaçuais as quebradeiras de coco são impedidas de coleta o coco, violência física e simbólica, quebra de meia onde as quebradeiras pra poder ter acesso ao babaçual dá a metade da produção para o proprietário da terra, atuação das fábricas na região, no Piauí a maioria das terras são privadas ou arrendadas, as quebradeiras dessa região fazem parte do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB). (MIQCB, 2005a)

No estado do Tocantins a área de ocorrência de babaçuais é um total de 1.255.600 hectares. Essa região os conflitos são pela disputa do coco babaçu, atuação da Tobasa Bioindustrial mediante a coleta do coco inteiro, derrubadas de babaçuais, envenenamento das pindovas, violência contra as quebradeiras de coco, privatização dos babaçuais, ação de siderúrgica, aumento do preço das terras, arrendamento do coco e aliciamento de trabalhadores, as quebradeiras de coco dessa região são articuladas ao MIQCB (Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu), a ASMUBIP (Associação Regional das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Bico do Papagaio) e a ARENT (Associação da Reserva Extrativista de Extremo Norte). (MIQCB, 2005c)

Em relação à atuação das indústrias nos territórios dos babaçuais Almeida (2019, p.100) aponta que:

[...] as indústrias prevêm a transformação das chamadas quebradeiras em assalariadas. Fazem uso inclusive de outra designação, qual seja: catadeiras de coco Tal expressão reduz as mulheres extrativistas à simples coleta, eliminando os saberes que orientam a quebra do coco e a extração das amêndoas. Está-se diante de uma supressão do conhecimento que suporta a identidade coletiva, forçando a imposição do assalariamento.

A área de ocorrência dos babaçuais no estado do Pará corresponde a 290.000 hectares de terra abrangendo o Vale do Tocantins. As comunidades tradicionais dessa região enfrentam o desmatamento dos babaçuais, envenenamento das pindovas, venda do coco inteiro, corte do

cacho inteiro, arrendamento do coco, quebra de meia, ação das indústrias e siderúrgicas na região, trabalho escravo nas carvoarias na produção de carvão, danos ao meio ambiente, as quebradeiras de coco dessa região possuem a venda do azeite como uma renda significativas para a família, são articuladas ao MIQCB, em associações e sindicatos. (MIQCB, 2005d)

Em síntese os conflitos dos quatro estados são semelhantes, no Maranhão também se tem a compra do coco inteiro, ação das siderúrgicas, trabalho escravo, arrendamento da terra para coleta do coco, compra do coco inteiro, violência contra as quebradeiras, carvoeiras, desmatamento, restrições ao livre acesso aos babaçuais, pecuária, desapropriação das comunidades tradicionais (MIQCB, 2005b). As extrativistas vivem realidades comuns, independentemente da localização geográfica, o território dos babaçuais tem sido historicamente palco de conflitos, onde grandes empresas produzem mercadorias para exportação nas áreas de babaçuais, nesses territórios terras são vendidas e compradas constantemente para expansão do agronegócio.

A construção do território das quebradeiras de coco é marcada pelo constante embate dessas mulheres praticantes da atividade da quebra do coco para sustento e alimentação de suas famílias com os fazendeiros e proprietários de terra que, com o avanço dos negócios com pecuária e o desenvolvimento do agronegócio promovem a queima e o corte das palmeiras de babaçu para dar espaço a extensos hectares de criação de gado e plantações de milho, soja e demais produtos em grande escala produtiva. (MONTENEGRO; RODRIGUES, 2020, p.156)

Convém ressaltar que o extrativismo do babaçu nesta pesquisa vai ser discutido na escala local mediante a relação dos sujeitos com o lugar, sobre essa atividade em escala regional Rocha (2011, p.23) menciona que “O Estado do Tocantins se coloca em segundo lugar no ranking nacional, atrás do Maranhão possuindo uma das mais importantes empresas de iniciativa privada que faz o beneficiamento do babaçu: a TOBASA.”

A TOBASA é uma indústria que faz o beneficiamento do coco babaçu, localizada no município de Tocantinópolis-Tocantins, internacionalmente conhecida são cinquenta e três anos de tradição, foi fundada na década de 1968 por Edmond Baruque com o apoio do Estado, abrange as comunidades extrativistas de quebradeiras de coco e os catadores de babaçu da região do Bico do Papagaio e das comunidades indígenas e ribeirinhas da Amazônia Legal atua nas áreas onde há maior concentração de palmeira de babaçu, visando o maior aproveitamento do babaçu a indústria desenvolveu sua tecnologia própria e equipamentos inovadores. Assim a indústria faz uso do coco de babaçu por inteiro (aproveitamento integral), realizar a extração da amêndoa do babaçu por meio de máquinas de corte transversal atribuindo assim modernização ao extrativismo substituindo a quebra do coco realizada manualmente pelas quebradeiras de

coco, além de produzir inúmeros subprodutos, dentre eles, óleo, farinha, sabão, álcool e, principalmente, carvão ativado através das cascas do babaçu e do coco inteiro, desse modo a indústria movimentou a economia do babaçu no Brasil (mercado interno e externo) . A coleta do coco dá-se por meio de uma rede de catadores que são contratados na região, a indústria possui transporte próprio transportando o coco em caminhões desde o ponto da coleta onde os cocos são colocados pelos catadores em um “caçambão” e posteriormente levados até a indústria. (SANTOS, 2012).

Existe um movimento de articulação das mulheres quebradeiras de coco babaçu, que estão inseridas no território dos babaçuais, assim sendo há mulheres que se organizam no Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), em associações, sindicatos, cooperativas, mas as mulheres dessa pesquisa se articulam coletivamente entre si no povoado Centro dos Borges ao realizarem o adjunto que é coletivo em grupo, pois na comunidade não tem uma formalização enquanto a movimentos específicos.

Ainda em relação à atuação da Tobasa Bioindustrial nas principais áreas de babaçuais, o MIQCB, criado em 1991, atuante nos estados do Maranhão, Pará, Piauí e Tocantins, por sua vez, entende que apesar da indústria se auto-intitula como “ecológica” as suas práticas tem sido predatórias no território dos babaçuais, o aproveitamento integral do coco de babaçu realizado pela indústria tem estimulado a cata do coco inteiro nos babaçuais de forma intensiva, o que tem gerado conflitos de um lado os catadores que só fazem a coleta visando o lucro e do outro as quebradeiras de coco que percebem essa prática como predatória, como perda de território, de sua renda, esses conflitos se intensificam principalmente no período da safra do coco (verão) período de abundância do coco de babaçu. (PNCSA, 2005)

Para conhecer as Quebradeiras de Coco Babaçu que vivem no povoado Centro dos Borges do município de Riachinho- Tocantins em 2021 está relacionado com as categorias geográficas lugar e território, para essa pesquisa iniciamos as leituras pelas concepções sobre a categoria lugar apresentado por Tuan (1983) e Santos (2006). Segundo Tuan (1983) o lugar é marcado por percepção, experiência e valores, os lugares guardam e são núcleos de valor, por isso eles podem ser totalmente compreendidos através de uma experiência que engloba relações íntimas, próprias e relações externas, os lugares são centros aos quais atribuímos valor.

Para Milton Santos (2006), lugar está relacionado com o vivido, compartilhado, as ações dos indivíduos e conflitos, pela relação efetivada entre os sujeitos e destes com o ambiente de vida cotidiana, dentre essas concepções a pesquisa e dos dados apresentados irão me auxiliar

no entendimento deste conceito nas trajetórias das quebradeiras de coco babaçu no povoado Centro dos Borges (Riachinho-TO).

No sentido de se compreender o que é o território, Saquet (2013, p.118) afirma que o território pode se “[...] entendido como lugar de relações sociais; de conexões e redes; de vida, para além da produção econômica, como natureza, apropriação, mudanças, mobilidade, identidade e patrimônio cultural [...]”, partindo dessa concepção o território dos babaçuais para as comunidades tradicionais está relacionado com a importância que o babaçu possui para essas populações que vivem do extrativismo que mantém inalterada ao longo do tempo o uso dos recursos naturais nesses territórios, as múltiplas relações, o modo de vida, o pertencimento ao seu território, o conceito de Comunidades Tradicionais apresentado por Swerts (2009, p.91), expõe a relação desses povos com o território:

O conceito de Comunidades Tradicionais está diretamente ligada à questão do acesso ao território tradicional, que além de guarda a memória ancestral, é o local onde se reproduzem as práticas sociais, de manejo dos recursos naturais, as práticas produtivas e os modos tradicionais de distribuição e consumo da produção, além da reprodução dos saberes tradicionais.

As quebradeiras de coco são reconhecidas como comunidade tradicional pela Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), de acordo com o decreto nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007:

Art. 3. Para os fins deste Decreto e do seu Anexo compreende-se por:

I- Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição; (BRASIL, 2007)

A partir do território surgem as territorialidades através da relação entre os sujeitos, grupos, “[...] a territorialidade adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do “vivido” territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral [...]”, (RAFFESTIN, 1993, p.158 grifo do autor). Portanto, as quebradeiras de coco constroem suas territorialidades a partir das relações econômicas, sociais, culturais e familiares dando significado ao lugar, produzem saberes dentro do território dos babaçuais formando assim uma identidade cultural coletiva.

Diante disso, os babaçuais tornam-se lugares simbólicos e significativos na vida das quebradeiras de coco babaçu, visto que o lugar é constituído “[...] a partir dos sentidos e/ou das representações simbólicas dos indivíduos; da experiência “direta” do indivíduo com/no espaço

[...]” (CIRQUEIRA, 2010, p.36 grifo do autor), essas mulheres têm suas vidas marcadas por experiências e pertencimentos ao lugar de vivência. A prática da coleta e do uso do coco babaçu é secular, vem sendo praticada principalmente pelas mulheres do campo desde o século XIX, a amêndoa extraída do coco era usada para o autoconsumo, como é apontado por Barbosa (2013, p.33)

O fato é que, pelo menos desde o século XIX, diferentes sujeitos, a exemplo de indígenas, da população camponesa e, especialmente, das mulheres do campo, têm continuamente tirado proveito do coco e da palmeira de babaçu. Embora os usos desse recurso natural variem de acordo com os contextos específicos, claramente se destacam aqueles usos relacionados às condições essenciais da existência humana, como a alimentação, a habitação e o sustento familiar.

2.1. A TEMÁTICA “QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU” E O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

A Geografia como uma disciplina escolar na educação básica busca a compreensão do espaço em que vivemos, a partir das transformações que o ser humano produz dentro do espaço, desse modo a Geografia enfrenta a tarefa de entender o espaço geográfico. O ensino dessa disciplina é subsidiado pela formação dos conceitos geográficos, de acordo com Costella (2008) os conceitos que possibilita o maior entendimento dessa ciência geográfica são os conceitos de território, espaço, natureza, paisagem, lugar e região. Assim como é apontado pela Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018, p. 361) “Embora o espaço seja o conceito mais amplo e complexo da Geografia, é necessário que os alunos dominem outros conceitos mais operacionais e que expressem aspectos diferentes do espaço geográfico: território, lugar, região, natureza e paisagem.”

O ensino de Geografia a partir das categorias geográficas proposto neste trabalho busca uma aprendizagem significativa e supera com a concepção de que o ensino dessa disciplina seja denominado como apenas memorizar conteúdos, visto que a trajetória da Geografia escolar se consolidou com o ensino tradicional baseado na repetição de conteúdos e na utilização exclusivamente do livro didático.

Sendo a Geografia uma disciplina de ensino da educação básica, com início no meio escolar nos anos de 1970 a 1980, foi caracterizada e ainda é nos dias atuais uma matéria que se reporta ao tradicionalismo de ensino, ou seja, que adota o método da “decoreba”, tornando o seu estudo enfadonho [...]. (OLIVEIRA, 2015, p.27)

A sala de aula é um encontro de culturas e saberes cotidianos, portanto apresentaremos uma proposta metodológica para trabalhar a temática “Quebradeiras de Coco Babaçu” na sala de aula a partir das categorias geográficas: Paisagem, Lugar e Território, levando em consideração o lugar de origem dos educandos e os conhecimentos que eles(as) já têm, foram elaborados três planos de aula (Apêndice 1 a 3).

O plano de aula (a) é direcionado para o 2º ano do Ensino Fundamental (anos iniciais), abordando a categoria geográfica “Paisagem”, **tema:** A paisagem do lugar. **Conteúdo Programático:** A paisagem do babaçu, As quebradeiras de coco, A paisagem é os fatores sociais, culturais e econômicos, Extrativismo do babaçu. **Competências:** Utilizar os conhecimentos geográficos para entender a interação sociedade/ natureza e exercitar o interesse e o espírito de investigação e de resolução de problemas. **Habilidades:** (EF02GE08) Identificar e elaborar diferentes formas de representação (desenhos, mapas mentais, maquetes) para representar componentes da paisagem dos lugares de vivência. **Objetivo Geral:** Fazer com que o aluno construa um mapa mental com representações da paisagem que representa o trajeto casa - escola. **Objetivos específicos:** Discutir o conteúdo de paisagem a partir da realidade local do povoado Centro dos Borges; Desenvolver as habilidades de observação, interpretação e construção de mapas. **Metodologia:** 1º Momento: Inicia-se com a contextualização do tema da aula. Apresentação do tema a ser pedido aos alunos - Paisagem que é observada por eles no trajeto casa-escola. Promover um diálogo acerca do tema trabalhado em sala partindo para a exposição do conceito científico de Paisagem e os elementos que compõem a paisagem. 2º Momento: Escrever no quadro a palavra paisagem, solicitar aos estudantes que cite palavras e/ou frases sobre a paisagem do seu trajeto escola-casa. As respostas dos educandos serão usadas para fazer um mapa mental no quadro, após isso os educandos serão questionados sobre o que é um mapa mental, com o uso das ilustrações (modelos de mapa mental) será explicado o conceito e qual a finalidade do uso desse tipo de mapa. 3º Momento: Dando continuidade aproximando o conteúdo a realidade dos alunos será abordado a paisagem referente aos babaçuais e do coco babaçu, fazendo uso de imagens da paisagem local (impressas), a sua importância, a relação dessa paisagem com as quebradeiras de coco da comunidade. **Recursos didáticos:** Papel sulfite A4, materiais de uso do aluno (lápiz de cor, lápis de escrever, borracha), modelos de mapa mental impressos, imagens de paisagem babaçuais e do coco babaçu da própria comunidade (impressas). **Avaliação:** Será solicitada uma ação propositiva aos educandos, que façam um desenho (mapa mental) do trajeto casa- escola, identificando a paisagem onde eles estão inseridos. Ao final da aula realizar-se-á a sistematização, momento

de exposição dos mapas mentais produzidos pelos alunos. **Referências:** Archela *et al* (2004), Azambuja (2012), Brasil (2018), Bertrand (2004), Carlos e Cruz (2019), Giometti *et al* (2012), Silva e Napolitano (2016).

O Plano de aula (b) proposto para o 3º ano do Ensino Fundamental (anos iniciais) trata-se da categoria geográfica Lugar, tendo como **tema:** O lugar a partir do espaço vivido dos educandos. **Conteúdo Programático:** Lugar, Cultura, Espaço vivido e Comunidades tradicionais. **Competências:** Estabelecer conexões entre diferentes temas do conhecimento geográfico, reconhecendo a importância dos objetos técnicos para a compreensão das formas como os seres humanos fazem uso dos recursos da natureza ao longo da história. **Habilidades:** (EF03GE01) Identificar e comparar aspectos culturais dos grupos sociais de seus lugares de vivência, seja na cidade, seja no campo. **Objetivo Geral:** Fazer com que o aluno identifique o tipo de cultura do seu lugar de vivência. **Objetivos específicos:** Conhecer a historicidade do lugar e a cultura local; Compreender os movimentos e as ações (sentido de pertencimento, afetividade, experiências, cultura e singularidade) que acontecem no Lugar. **Metodologia:** 1º Momento: Será escrito no quadro o tema da aula, instigando os/as estudantes a falarem o significado da palavra lugar para eles. Com essa interação será dado início a aula, sucederá com o conceito de lugar a partir dos conhecimentos prévios dos educandos, com os alunos sentados em círculo será feita a seguinte indagação: sabem a história do lugar onde vivem?. 2º Momento: Após as respostas dos alunos será contado a história do povoado Centro dos Borges, para que os alunos entendam o processo histórico, cultural, econômico e social local. Em seguida será trabalhado o conceito de cultura pegando como exemplo a quebra do coco babaçu realizada na comunidade. **Recursos didáticos:** Papel sulfite A4, materiais de uso do aluno (lápiz de cor, lápis de escrever, borracha). **Avaliação:** Como atividade será solicitado que os alunos façam desenhos que evidenciam o seu lugar de vivência. Os desenhos feitos serão apresentados em sala, para que os educandos falem sobre o desenho que fez. **Referências:** Brasil (2018), Carraza *et al* (2012), Giometti *et al* (2012), Sriraishi Neto (2017), Serpa (2021), Silva e Aragão (2012).

O Plano de aula (c) destinado para o 8º ano do Ensino Fundamental (anos finais) aborda a categoria geográfica Território, com o **tema:** A categoria território no contexto local e global. **Conteúdo Programático:** Território dos babaçuais na escala local e global, Território das mulheres quebradeiras de coco, Os usos do território no município de Riachinho-Tocantins. **Competências:** Desenvolver autonomia e senso crítico para compreensão e aplicação do raciocínio geográfico na análise da ocupação humana e produção do espaço, envolvendo os

princípios de analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem.

Habilidades: (EF08GE10) Distinguir e analisar conflitos e ações dos movimentos sociais brasileiros, no campo e na cidade, comparando com outros movimentos sociais existentes nos países latino-americanos. **Objetivo Geral:** Fazer com que o aluno compreenda território e territorialidades. **Objetivos específicos:** Conhecer as diferentes concepções dos usos dos territórios; Identificar os territórios tradicionais; Instigar os/as estudantes a criarem o seu próprio questionamento diante das situações que os rodeiam. **Metodologia:** 1º Momento: Consistirá na contextualização do tema da aula. Apresentar o tema, o conteúdo que será abordado e questionar sobre o que eles entendem por território e territorialidades. 2º Momento: Assim, por meio da problematização, o conceito de território e territorialidade será explicado aos educandos. Exibição do vídeo com o tema: “QUEM SÃO AS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU?”. Na sequência discutir qual a relação do vídeo com o assunto da aula. 3º Momento: Acontecerá uma breve conversa acerca do vídeo para que os alunos façam apontamentos sobre o assunto trabalhado em sala, em seguida um mapa será usado para identificar os territórios dos babaçuais, das quebradeiras de coco. **Recursos didáticos:** Data show, livro didático, notebook, mapa. Avaliação: Como atividade será trabalhado os usos do território no município de Riachinho-TO, solicitando que os alunos identifiquem quais as atividades econômicas que são desenvolvidas na região (agronegócio, agricultura familiar, extrativismo do babaçu). **Referências:** Almeida et al (2017), Brasil (2018), Carlos e Cruz (2019), Giometti et al (2012), IBGE (2012), Montenegro e Rodrigues (2020), Sousa (2020).

Sem dúvida se faz necessário trabalhar a temática desta pesquisa no ensino de Geografia, uma vez que possibilita trabalhar as categorias geográficas a partir da realidade do(a) aluno(a) inserido no campo (zona rural), tendo em vista que o extrativismo do babaçu é uma atividade realizada principalmente na zona rural, além de se uma forma de inseri as quebradeiras de coco babaçu nas escolas trazendo o grupo para dividirem suas experiências com os educandos, através da temática abordada em sala os(as) alunos(as) vão ter conhecimento sobre os movimentos sociais, a trajetória de luta e resistência das comunidades tradicionais, a importância do babaçu na sua comunidade ou até mesmo na cidade, o(a) professor(a) pode também planejar uma aula a campo como uma atividade didática destacando as categorias geográficas lugar é paisagem desenvolvendo o olhar geográfico dos(as) estudantes diante do seu cotidiano do espaço que estão inseridos.

3. QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU: LUTAS E RESISTÊNCIAS

Quando se trata do conceito de gênero não há um único conceito por ser complexo pode ser definido e redefinido, visto que o mesmo é entendido como uma construção social e cultural. De acordo com Oliveira (2006, p.78-79 apud SANTOS, 2016, p.14), “[...] gênero é uma categoria relacional, mutante, que está ligada ao movimento da cultura: localização geográfica, características de etnia/raça, classe social, entre outras [...]”, construído a partir das relações sociais, das diferenças entre os sexos.

Na concepção da sociedade gênero está relacionado com a divisão entre homem e mulher, de acordo com o sexo biológico, desde o nascimento, meninos e meninas são ensinados a agir de acordo como são identificados ao nascer, ocupando papéis diferente na sociedade a mulher no âmbito doméstico\figura materna (espaço privado) e o homem provedor da família (espaço público), como é apontado por Silva (2014, p.16):

Historicamente, a divisão de trabalho numa perspectiva de gênero sempre existiu. As mulheres sempre foram associadas à reprodução e aos afazeres domésticos. Os homens estiveram sempre relacionados ao trabalho fora de casa e sendo vistos como os provedores da família. [à mulher caberia, então, o espaço privado, enquanto para o homem caberia o espaço público].

Diante da condição sociocultural e econômica da mulher em relação ao homem, que historicamente tem sido marcada pela subordinação, desigualdade e preconceito, onde a sociedade patriarcal só reforça a superioridade do gênero masculino sobre o feminino. Nesta pesquisa gênero estar atrelado a condição da mulher na sociedade, relacionado com a participação da mulher nos vários momentos de luta, seja para conseguir conquistar direitos ou para manter os direitos já conquistados.

Esta construção social que inviabiliza o trabalho das mulheres, que as perpetua no seu papel de reprodução da vida, nos trabalhos realizados no cotidiano e no seu confinamento no âmbito privado está na base da consolidação dos papéis diferenciados por gênero nas sociedades capitalistas e patriarcais, como as nossas. Esta é uma lógica que confina as mulheres ao mundo doméstico e as considera basicamente em sua identidade de mães e, fora de casa, como demandantes de ações comunitárias. Algumas vezes como beneficiárias das políticas, mas raramente como sujeitos capazes de protagonizar processos políticos. (SOARES, 201, p. 294)

A luta das mulheres extrativistas em movimentos sociais coletivos ou individuais, busca rompe com esses paradigmas imposto pela sociedade, na luta pela igualdade de gênero, reconhecimento, autonomia, identidade, acesso a terra, aos espaços políticos, econômicos e sócias, até então no final da década de 1980 essas mulheres sofriam uma forte discriminação

em razão do gênero, não participavam de sindicatos, pois “[...] qualquer indício de autonomia de quebradeiras, como frequentar reuniões, era considerado por seus companheiros como algo que não convinha a uma mulher tendo em vista as idealizações sobre os papéis de gênero.” (BARBOSA, 2013, p.220).

A mulher é denominada como um ser do sexo feminino de acordo com a divisão biológica entre os sexos masculinos e femininos a partir dos órgãos reprodutores. Ao ser identificada como mulher as funções de dona de casa, maternais e reprodutoras serão suas características dali por diante sendo destinada ao espaço privado, no entanto as mulheres desenvolvem diversos papéis sociais a partir do lugar que elas estejam inseridas seja no espaço urbano ou no espaço rural. Entretanto as mulheres do urbano possuem prioridades diferentes das mulheres do rural, todavia elas podem exercer atividades idênticas como mulher quebradeira de coco, sendo mulheres que trabalham dentro e fora de casa.

Ser mulher quebradeira de coco é ampliar os horizontes; é lançar-se na política; é gerar e mover a economia do babaçu; e, ainda mais, é gerar e mover vidas solidárias em um compromisso que extrapola gerações e espécies. O vivido destas mulheres é marcado pela assunção da responsabilidade pela conciliação entre a quebra do coco, o trabalho na roça, as atividades domésticas, a liderança política, a discussão econômica, a articulação enfim. Longe do essencialismo feminino, ser mulher aqui é exatamente complexificar ação e atuação em uma forma de ser. (DIAS, 2012, p.14)

A profissão de quebradeira de coco pode ser exercida tanto no âmbito rural ou urbano, só que com demandas diferentes, temos como exemplo o núcleo urbano de Riachinho-Tocantins, no município há mulheres quebradeiras de coco em pouca quantidade, ficam distantes dos locais de coleta, quebram coco em menor quantidade e não se identificam como quebradeiras de coco pois não quebram coco por necessidade já as mulheres do povoado Centro dos Borges na zona rural são em maior número, movimentam a economia do lugar, quebram coco quase todos os dias pela precisão, os babaçuais são próximos ao povoado, para elas ser quebradeira de coco é uma profissão um modo de viver por, mas que essa prática seja desenvolvida no urbano e com o rural que o extrativismo do babaçu está mais associado.

As mulheres dessa pesquisa não são articuladas a nem um movimento, associação, sindicato ou cooperativa, no entanto são mulheres com trajetórias de lutas, resistência, de saberes tradicionais, o coletivo é feito entre elas na comunidade. Sendo que há quebradeiras inseridas em uma articulação estadual o MIQCB ou em outros movimentos, entidades ligadas às comunidades tradicionais como será mostrado no próximo tópico.

3.1. ARTICULAÇÕES E LUTAS DAS QUEBRADEIRAS DE COCO

As quebradeiras de coco são dotadas de saberes tradicionais e conhecimento família, sem estarem necessariamente articuladas a um movimento essas mulheres mantêm esses conhecimentos e saberes tradicionais de como fazer o uso do babaçu, desde a coleta, quebrar, uso do fruto, das folhas, o período de florescimento, de amadurecimento do fruto, da safra onde os cocos maduros começam a cair no chão, os cocos “bons” ou “ruins”.

Através desses conhecimentos e saberes adquiridos ao decorrer das suas vivências as quebradeiras produzem alimentos como a farinha do mesocarpo feita tradicionalmente a mão com o uso de uma faca os cocos são lavados e após isso elas retiram a casca do coco (epicarpo) extrair a massa (mesocarpo) que vai ser seco no sol e triturada dessa farinha faz-se pães, biscoitos, bolos, mingaus, o leite de coco usado no preparo de comidas típicas o bagaço desse coco é usado para fazer beiju, a casca do coco fazem o carvão para uso doméstico feito tradicionalmente em caieiras, das folhas fazem artesanatos, recipientes para carrega os cocos como o côfo (ver figura 6), as folhas são usadas para cobrir casas, dependendo da região que as quebradeiras estejam inseridas o uso do babaçu torna-se diverso.

Os movimentos surgem como uma reivindicação de um determinado grupo que possuem causas comuns, uma das características dos movimentos é a identidade coletiva, são diversos fatores que faz com que grupos sejam formados na sociedade, ao decorrer do tempo vários movimentos específicos foram sendo criados. Na década de 1980 intensificaram-se os movimentos de organização coletiva, e esses movimentos sociais passam a contar com o protagonismo das mulheres, desse modo as mulheres criam seus próprios movimentos e se articulam em associações, cooperativas e outras instituições, construindo uma identidade coletiva a partir dessas organizações.

A construção de uma identidade coletiva está fortemente ligada à luta das quebradeiras de coco, que possibilita sua ascensão política e intervenção social, conseqüentemente, devido aos movimentos sociais que se criaram em favor da luta pelo reconhecimento de direitos que antes eram negados e para aplicação de políticas públicas que as beneficiem. (MONTENEGRO; RODRIGUES, 2020, p.153)

Com o despertar das mulheres do campo surge em 1983 o Movimento de Mulheres Agricultoras (MMA), em 1989 é criada a Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais de Buriti (AMB) em Tocantins com o objetivo de organizar as mulheres agricultoras na luta pela terra, nessa mesma década foi criado a Associação das Mulheres Trabalhadoras Rurais (AMTR) no estado do Maranhão com o intuito de impedir os latifúndios que dominava os babaçuais da

região. Posteriormente em 1992 foi estabelecida a Associação da Reserva Extrativista Extremo Norte do Tocantins (ARENT), uma área de babaçual situada no Tocantins essa reserva abrange três municípios: Sampaio, Buriti do Tocantins e Carrasco Bonito. Outra associação criada no estado do Tocantins em São Miguel foi a Associação Regional das Mulheres Rurais do Bico do Papagaio (ASMUBIP) em 1992, representando as mulheres quebradeiras de coco babaçu do Tocantins e viabilizando a venda dos produtos do babaçu essa associação é vinculada ao Movimento Interestadual de Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB). No ano de 2004 foi criado o Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) como resultado da união de vários movimentos de mulheres do campo, a principal luta desse movimento é contra o modelo capitalista, patriarcal e racista, em busca da igualdade de direitos na sociedade. (SILVA, 2014)

Em 2007 foi criada a Associação Escola Família Agrícola do Bico do Papagaio (AEFA-BICO) com a finalidade de promover a educação do campo e a agroecologia e gerir a Escola Família Agrícola Padre Josimo. Neste mesmo ano foi criada a Cooperativa de Produção e Comercialização dos Agricultores Familiares Agroextrativistas e Pescadores Artesanais de Esperantina (COOAF-Bico) com o objetivo principal organizar a produção e acessar mercados para os produtos agroextrativistas. Após em 2009 foi fundada pelo MIQCB a Cooperativa Interestadual das Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu (CIMQCB) no estado do Maranhão, formada por mulheres que fazem uso do coco babaçu nos estados do Pará, Tocantins e Piauí. (SILVA; NAPOLITANO; BASTOS, 2016)

Mediante as lutas enfrentadas pelos grupos das quebradeiras de coco pelo acesso à terra ao coco e ao território, foi criado movimento interestadual e associações voltadas para a causa das quebradeiras de coco babaçu, no início dos anos de 1990 foi criado o Movimento Interestadual de Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB) para possibilitar direitos a essas mulheres, sobre esse movimento Barbosa (2008) considera que:

Existe uma significação territorial/espacial no MIQCB que ultrapassa as divisões geográficas tradicionais. A identidade de quebradeiras de coco babaçu é pensada e vivida através de processos que não necessariamente acordam com os padrões cartográficos estatais. É notória a descontinuidade entre as áreas de ocorrência de babaçu e os espaços de atuação política do MIQCB. De qualquer forma, essas mulheres constroem uma territorialidade, já que a noção de território apreendida por elas está relacionada não somente ao acesso aos babaçuais, mas também à criação de uma identidade própria. Essa territorialidade se relaciona também à forma de organização do MIQCB em regionais. (BARBOSA, 2008, p.257)

O MIQCB, atua como um movimento social, são cerca de 400 mil mulheres organizadas no movimento, que surgiu a partir da mobilização das mulheres de comunidades que utilizam o coco babaçu diante dos conflitos pelo acesso ao babaçu na década de 1980, como elas não

podia participar dos sindicatos elas começaram a se reunir em clubes de mães, e, também, em reuniões de comunidades rurais, as quebradeiras se articulam entre os quatros estados (Tocantins, Maranhão, Pará, Piauí), e após os encontros popularmente chamado de “Encontrão” foi criado inicialmente a Articulação das Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu esse nome deu lugar ao MIQCB em 1991. A criação desse movimento dá voz a essas mulheres, até então invisibilizadas na sociedade, articuladas ao movimento lutam para garantir o livre acesso aos babaçuais, preservação desse recurso natural, igualdade de gênero, pela valorização da profissão de quebradeira de coco. A Dona Maria do Socorro Teixeira Lima, quebradeira de coco babaçu, liderança e uma das fundadoras do MIQCB, evidencia a importância do movimento em uma de suas falas:

“[...] a gente criou o Movimento Quebradeiras de Coco para defender a quebradeira de coco, o valor do babaçu, do produto, mostrar que o babaçu tem valor, e buscar que os governos aprovassem o valor do babaçu, o nosso respeito como quebradeira, para quando chegarmos no INSS [Instituto Nacional de Seguro Social] para se aposentar dizendo que somos quebradeiras e sermos respeitadas. A gente lutou pela identidade das quebradeiras de coco. Então, essa nossa luta não foi em vão e nem será.” (LIMA; ALMEIDA, 2021, p.217-218)

Este movimento possui um papel social, econômico e político na vida das quebradeiras de coco, na construção da identidade coletiva entre as extrativistas. A sede oficial do movimento fica em São Luís-Maranhão e as seis regionais são distribuídas nos estados do Tocantins, Pará, Piauí e no Maranhão, cada regional é responsável por organizar o movimento e a produção das quebradeiras de coco, são sessenta e três municípios integrado ao movimento (municípios dos quatros estados). (SILVA, 2014)

De acordo com Rocha (2011, p.124) o movimento das quebradeiras de coco (MIQCB) possui características gerais como:

“[...]o critério de gênero, sob o qual se estrutura; a busca pelo reconhecimento de uma identidade pautada na atividade da quebra do coco babaçu; mobilização política; audiências públicas e debates com diferentes segmentos da sociedade, envolvendo governos e instituições públicas e privadas; diversificação da produção; elaboração de estudo relacionados à cadeia produtiva do babaçu; oferta de recursos e oficinas para as mulheres associadas; e, posteriormente, a luta pelo *babaçu livre*.”

Um movimento protagonizado por mulheres, atuando como lideranças, como presidente de sindicato rompendo tabus até então as mulheres não podia participar dos sindicatos, de movimentos sociais, no entanto elas lutaram pelos seus direitos e hoje nos estados de atuação do MIQCB as regionais são coordenadas por mulheres, a Maria Alaídes Alves atual Coordenadora Geral do MIQCB, Cledeneuza Bezerra atua como Coordenadora do MIQCB na

Regional do Pará, Eunice da Conceição Costa também é Coordenadora do MIQCB na Regional de Imperatriz-Maranhão, Emília Alves é Coordenadora do MIQCB na Regional do Tocantins, Helena Gomes da Regional do Piauí, Maria de Fatima Regional Mearim-Maranhão, Maria Antonia da Regional da Baixada-Maranhão, observa-se que o movimento é, sobretudo composto por mulheres. (BRITO, 2019)

Ao decorrer do tempo às quebradeiras reivindicaram espaços políticos, assumiram funções que antes eram restritas somente aos homens, comercializando a própria produção, ocupando espaços, em cooperativas, associações, organizações, movimentos sociais, a criação do MIQCB significa resistência. No Tocantins lideranças militantes, mulheres quebradeiras de coco, fundadoras do MIQCB, como a dona Raimunda Gomes da Silva (Raimunda Quebradeira de Coco) uma das principais líderes do Bico do Papagaio falecida em 2018, e a dona Maria do Socorro Teixeira Lima (Socorro) hoje Coordenadora Geral da Rede Cerrado, são exemplos dessa resistência vivenciada por tantas mulheres, trajetórias que serão contadas no próximo tópico.

3.2. O PROTAGONISMO FEMININO: QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU NO ESTADO DO TOCANTINS

Raimunda Gomes da Silva (Figura 7), quebradeira de coco, uma das principais líderes sindicais do Tocantins, conhecida popularmente como “Dona Raimunda Quebradeira de Coco”, nasceu e se criou em Novo Jardim-Maranhão, tinha dez irmãos sendo filha de agricultores. Casou-se aos 18 anos de idade, abandonou o marido 14 anos depois e criou sozinha os seis filhos, trabalhando como lavradora. Chegou até o estado do Tocantins na região do Bico do Papagaio atrás de trabalho, ao chegar na região se instalou no povoado Sete Barracas, município de São Miguel do Tocantins, desde então Dona Raimunda iniciou sua trajetória de militância, líder comunitária e ativista política no povoado.

A Dona Raimunda tinha uma forte relação com a igreja católica se tornando animadora e catequista da comunidade no início da década de 1980, em 1983 ela conta com o apoio de uma forte liderança religiosa o Padre Josimo Morais Tavares recém-chegado no município de São Miguel, essa união permite ampliar a voz dos menos favorecidos, esse período ocorria intensos conflitos de disputa por terra na região (grilagem de terras) estando na luta pela defesa dos(as) trabalhadores(as) rurais como um dos coordenadores da Comissão Pastoral da Terra (CPT) o Padre Josimo perdeu sua vida ao ser assassinado no seu segundo atentado em

Imperatriz (MA) com um tiro nas costas na sede local da CPT, após isso a quebradeira dona Raimunda continuou sua atuação na defesa dos direitos das mulheres quebradeiras de coco, chegando a representar 400 mil mulheres e denunciando o crime contra o seu companheiro de luta Padre Josimo (LENA, 2020).

Figura 7. Raimunda Gomes da Silva (Quebradeira de coco e liderança)



Fonte: Folha do Bico, 2019.

Continuando sua trajetória de resistência e luta Dona Raimunda torna-se uma das fundadoras do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB) em 1991, ajudou a criar a Associação Regional das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Bico do Papagaio (ASMUBIP), contribuindo também na criação da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Tocantins (FETAET), e fez parte do Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS). Sua atuação foi vista em nível nacional e internacional, recebeu prêmios como o Diploma Bertha Luz (Senado Federal), e o Diploma Mulher-Cidadã Guilherme Ribeiro da Silva (Assembleia Legislativa do Tocantins), em 2008 dona Raimunda e as quebradeiras de coco conquistaram a aprovação da Lei do Babaçu Livre garantindo portanto a não derrubada das palmeiras de babaçu e o livre acesso aos babaçuais pelas quebradeiras, em 2009 recebeu o título de Doutora Honoris Causa da Universidade Federal do Tocantins (UFT), além de ultrapassar as fronteiras brasileiras chegando até à China, Estados Unidos, França e Canadá foi indicada ao Prêmio Nobel da Paz (LENA, 2020).

A importância de dona Raimunda está marcada na história de luta e resistência da mulher-quebradeira, extrativista, lutou pelo reconhecimento da mulher enquanto sujeito de direitos, pela liberdade de exercer a profissão com dignidade, pelo acesso e direito a terra, na sua árdua trajetória de vida despertou mulheres, não abriu mão das causas pelas quais acreditava. Em sete de novembro de 2018 Raimunda Gomes da Silva faleceu aos 78 anos de idade, no povoado Sete Barracas, deixando o seu legado que jamais será esquecido. Em 2019 foi criada e aprovada a lei instituindo como o Dia Estadual da Quebradeira de Coco do Tocantins, comemorado no dia 7 de novembro data do falecimento da dona Raimunda, uma data para homenagear a todas as mulheres que vivem dessa profissão, em particular a dona Raimunda Quebradeira de Coco por toda sua trajetória de vida (LENA,2021).

Maria do Socorro Teixeira Lima (Figura 8) conhecida como dona Socorro, mora no Assentamento Camarões, no município de Praia Norte, na comunidade de Jatobá (Tocantins), liderança, quebradeira de coco, professora, poeta, agricultora familiar, costureira, nasceu no povoado Pedreiras município de Caxias no Maranhão no dia cinco de março de 1952, primogênita, filha do lavrador Francisco de Lima e da quebradeira de coco e descendente indígena Silvina Bispo Teixeira. Desde criança dona Socorro trabalhou na roça, sendo a filha mais velha tinha a obrigação de cuidar dos seus irmãos mais novos, aprendeu a quebrar coco aos sete anos com a sua mãe, estudou até a quarta série largou os estudos para trabalhar na roça aos doze anos de idade foi abusada sexualmente.

Figura 8. Maria do Socorro Teixeira Lima (Quebradeira de coco e liderança)



Fonte: Revista Escrita, 2021.

Já aos quatorze anos de idade ela fugiu de casa e se casou com o primeiro marido em 1969, em 1971 foi mãe de sua única filha. Morava em Imperatriz (MA), onde foi abandonada pelo marido em 1980 com uma filha de seis anos, decidiu voltar para casa dos pais, na sua trajetória de vida foi para o Garimpo Serra Pelada, trabalhou em Parauapebas (Pará), em 1983 no Maranhão casou novamente com seu segundo marido com quem conviver até hoje, trabalhou na Escola Municipal Santa Tereza em Imperatriz (MA), depois disso mudou para o estado do Tocantins se estabelecendo na comunidade Jatobá município de Praia Norte -TO, onde começou sua militância, com o apoio da igreja católica e da CPT (Comissão Pastoral da Terra), não chegou a conhecer o padre Josimo membro da CPT pois ele já tinha sido assassinado mas conheceu a dona Raimunda Gomes da Silva (quebradeira de coco e liderança), as duas se tornaram amigas e companheiras de luta, a fala de Maria do Socorro Teixeira Lima expõe a importância da quebradeira de coco dona Raimunda ao decorrer de sua vida *“A Dona Raimunda foi minha professora, que foi a minha mestra, que foi a minha musa, que me criou! Ela me levava para o movimento e ia me ensinando [...]”* (LIMA; ALMEIDA, 2021, p.217).

Dona Socorro foi professora no município de Praia Norte -TO por treze anos trabalhava pela manhã e à tarde quebrava coco, ao decorrer desse tempo retomou os estudos aos trinta e oito anos se formou como professora, fez curso de administração, como liderança a partir de 1990 atuou fortemente na luta das quebradeiras de coco, pelo acesso a terra, ao babaçu, foi uma das fundadoras do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB) em 1991, em 1995 esteve no Primeiro Grito da Terra do Tocantins em Palmas juntamente com a CPT, segundo ela as mulheres eram discriminadas pelo fato de ser mulher “[...] antes nós não pisávamos no sindicato nem pra lavar os copos, nem pra varrer. No sindicato mesmo de Praia Norte mulher não pisava em reunião lá não.” (LIMA, 2021, p.82)

Aos sessenta e sete anos de idade com trinta e nove anos de liderança atuando em movimento sindical e social, foi presidente da Associação do Assentamento onde viver (1992-2008), diretora do Conselho Nacional dos Seringueiros (1995-2015), da Rede Mulher de Educação (2000-2003), coordenadora da Regional do Tocantins no MIQCB (1996-2002) e (2010-2018), atuou na direção da ASMUBIP (1995-2021), na Rede Cerrado (1995-2008), membra do Comitê Gestor (2013-2020), diretora do APATO (2016-2022), diretora também da EFA-Bico – Escola Família Agrícola no território do Bico do Papagaio (2016-2019), e por fim atuou na coordenação da Marcha das Margaridas de 2000 a 2019, atualmente atua na Rede Cerrado como Coordenadora Geral. (LIMA, 2021)

As trajetórias de vida dessas duas lideranças, Dona Raimunda Gomes da Silva e Dona Maria do Socorro Teixeira Lima, mostra a força da mulher no campo, houve violências (simbólica, física), impasses, conflitos, mas a luta dessas e de outras mulheres tem garantido direitos, visibilidade, empoderamento, reconhecimento da profissão das quebradeiras de coco, assim como a resistência em manter os seus conhecimentos tradicionais e defende seus territórios de pertencimento a identidade cultural e coletiva.

4. A MULHER COMO FORÇA DE TRABALHO NO CAMPO

Neste trabalho destacamos as trajetórias socioespaciais das mulheres quebradeiras de coco babaçu do povoado Centro dos Borges, no intuito de analisar essas trajetórias se faz necessário entender como elas ocorrem. De acordo com Cirqueira (2010, p.43), as trajetórias socioespaciais podem ser entendida como “[...] a história de vida dos indivíduos, suas experiências dentro de uma temporalidade”, assim sendo as trajetórias dar-se com base nos lugares que os indivíduos percorrem no decorrer de suas vidas em uma determinada dimensão socioespacial, de modo que “[...]os lugares demarcam momentos e limites dessas trajetórias, firmando-se como referências simbólicas e materiais para o indivíduo [...] (CIRQUEIRA, 2010, p.43).” As trajetórias das interlocutoras dessa pesquisa trazem consigo experiências, vivências, memórias, cultura.

A partir do autor Stuart Hall (1999), entende-se que o conceito de identidade é complexo podendo ter mais de uma concepção, todavia para esse trabalho identidade é entendida como uma construção sócio-histórica, constantemente transformada na interação com o outro, desse modo às identidades não são fixas e nem permanentes. Portanto

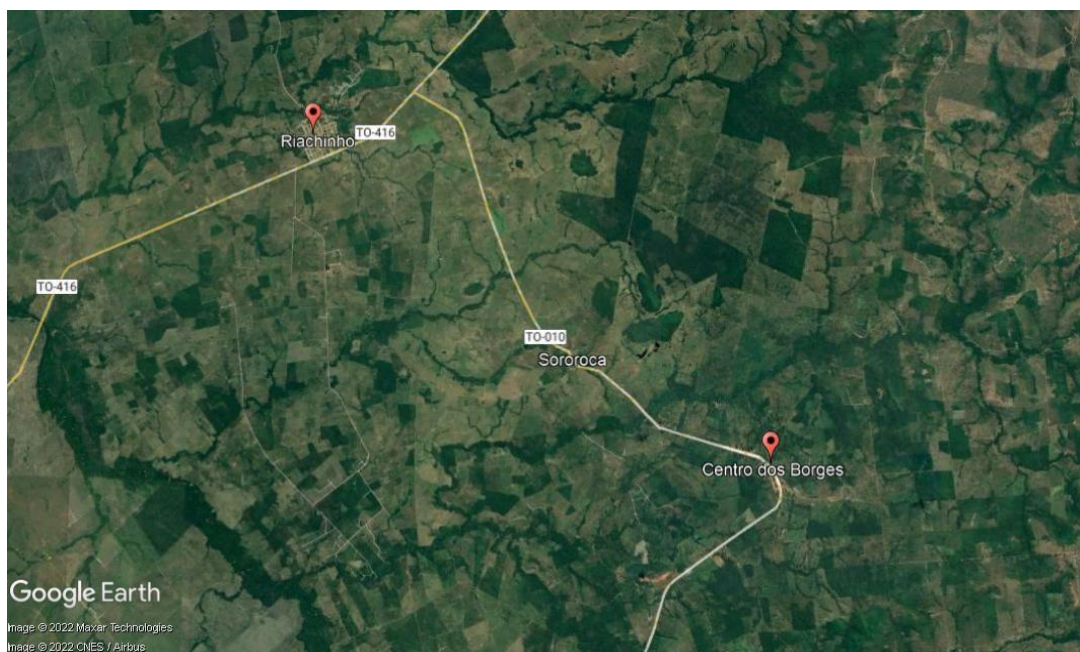
[...]a identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 1999, p. 12-13).

No caso das quebradeiras de coco babaçu, possuem múltiplas identidades, são quilombolas, ribeirinhas, indígenas, agricultoras, camponesas construindo suas identidades. Identidades como: a identidade de quebradeira de coco que é sua profissão ligada com uma tradição secular e familiar, a identidade própria com base na particularidade de cada uma, a identidade coletiva desenvolvida em grupos, movimentos, na comunidade nas relações sociais, a identidade cultural o sentimento de pertence a uma determinada cultura, identidade local veiculada a sua história.

4.1. POVOADO CENTRO DOS BORGES (RIACHINHO-TO)

O distrito de Centro dos Borges, zona rural, com aproximadamente 1.500 habitantes (IBGE, 2010), os habitantes dedicam-se à agricultura familiar e ao extrativismo do babaçu, pertence ao município de Riachinho localizado no estado do Tocantins, na região norte do estado, na mesorregião Ocidental, na microrregião do Bico do Papagaio, a população do município e de 4.191 pessoas de acordo com o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010. O município surgiu com a migração de três famílias, as famílias de Estevão Guedeia Soares, Teodoro Pereira de Sá e Alderico Pereira de Sá, que se deslocaram de Boa Vista do Padre João atual município de Tocantinópolis- Tocantins, chegando na região em junho de 1952, se instalaram na beira do córrego Riachinho, o que originou o nome do município. De 1952 a 1989 o Riachinho -TO foi distrito do município de Ananás -TO, somente em 1991 foi desmembrado e instalado como município em 1 de janeiro de 1993. (IBGE, 2021)

Figura 9. Município de Riachinho -TO e o povoado Centro dos Borges



Fonte: *Google Earth*, 2022.

Segundo os moradores do povoado Centro dos Borges, os primeiros habitantes do lugar, foi à família do senhor Vicente Borges o que coincide com o nome do povoado e a nomes de

ruas como, por exemplo, a rua principal Rua Vicente Borges, atualmente não há nem um dos membros da família Borges residindo no povoado.

Portanto, através da história oral quem contar um pouco da história do local é uma das moradoras mais antigas, a dona Maria José Alves de Araújo, quebradeira de coco babaçu e mora no povoado desde os três anos de idade, seus pais trabalhadores rurais migraram para a região no ano de 1960 em busca de terras para trabalhar, ao chegarem no local a família Borges já estava alojados, tinha até então umas cinco famílias, dona Maria José relata que *“[...] aqui naquela época era tudo de mata, tudo liberado, ai como meus pais não tinha terra ai vieram pra cá, pra trabalhar, nos era doze pessoas, dez filhos e os dois velhos ai veio todo mundo pra cá”*, segundo ela foi uma época difícil para os moradores do lugar, pois não havia água potável, energia, estradas, os animais era o único meio de transporte, tinham que percorre uma longa distância para busca água e para chegar até o município de Ananás-Tocantins.

Entende-se a partir da história da formação do povoado que o nome “Centro” está relacionado com o que o Rocha (2011, p.55) denomina como:

[...] pequenos sítios onde se cultiva o arroz e se praticava o extrativismo do babaçu, com base no trabalho familiar e no cultivo da terra. Esses centros representaram para esses grupos um local de materialização de todas as formas de relações dominadas de solidariedade [...].

Vale mencionar que no período da chegada dos primeiros moradores ao povoado ocorria o processo migratório nessa região, a migração do camponês a procura de terras para viver e trabalhar, a região Norte especificamente o estado do Tocantins é marcado historicamente por conflitos de terra, envolvendo a disputa pela posse de terra, assegurados pelo Estado e pelas políticas excludente do campo grileiros e latifundiários apropriaram-se das terras já habitadas pelos ribeirinhos, posseiros, pescadores e indígenas (populações tradicionais da região), o território passa a ser então palco de lutas e resistência desses povos.

Ao decorrer do tempo, com a elevação do povoado Riachinho -TO para a categoria de município sede em 1993, com autonomia de criar e organizar distritos o Centro dos Borges que até então era uma pequena vila passa a ser um distrito do município de Riachinho. Com o desenvolvimento da região as estradas foram feitas e com isso situa-se no povoado um trecho da rodovia TO-010, atualmente a comunidade conta com uma escola, a Escola Municipal Tancredo Neves, um posto de saúde, igrejas, cemitério, alguns tipos de comércios, um campo de futebol e uma quadra de esporte.

O povoado tem como tradição cultural a realização da cavalgada no mês de julho e o festejo em comemoração ao dia do padroeiro da comunidade iniciando no dia vinte e oito de julho até o dia seis de agosto, a quebra do coco (extrativismo do babaçu) também faz parte da cultura do lugar ao andar pelo povoado é comum ver cocos amontoados enfrente as casas identificando que ali há uma quebradeira de coco, e embora o extrativismo do babaçu seja uma atividade predominantemente desenvolvida por mulheres, na comunidade é comum encontrar homens que ajuda sua companheira tanto na coleta do coco, como na quebra, no processo da extração do azeite de coco e na confecção de côfos (Figura 10).

Figura 10. Povoado Centro dos Borges (Riachinho -TO)



4.2. AS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU NO POVOADO CENTRO DOS BORGES DO MUNICÍPIO DE RIACHINHO-TO: TRAJETÓRIA SOCIOESPACIAL E IDENTIDADE.

4.2.1. A Identidade das Quebradeiras de Coco Babaçu do Povoado Centro dos Borges

O estudo de campo propiciou conhecer e observar como é o dia a dia do grupo das mulheres quebradeiras de coco babaçu que vivem no povoado Centro dos Borges (Riachinho - TO) desta forma vamos apresentar a realidade cotidiana das mulheres.

O povoado Centro dos Borges é uma comunidade com uma população majoritariamente feminina, são mulheres que ocupam várias posições sociais, como trabalhadoras rurais, quebradeiras de coco babaçu, esposas, mães, chefes de família, comerciantes, donas de casa, empreendedoras, ocupando cargos no posto de saúde do povoado, na unidade escola como professoras, diretora, entre outras funções.

As mulheres quebradeiras de coco da comunidade estudada formam um grupo de aproximadamente dez mulheres, no entanto como estamos vivenciando uma pandemia (COVID-19) optamos por selecionar apenas cinco quebradeiras de coco como interlocutoras, com a faixa etária entre 43 e 63 anos de idade, são donas de casa, com histórias de vida semelhante que tira do coco babaçu o seu sustento e das suas famílias. Os diálogos foram norteados pelo cotidiano delas, relatos da profissão e do trabalho na roça:

- Maria das Dores Rodrigues Aguiar: 43 anos de idade, mulher negra, mãe de três filhos, casada, dona de casa e quebradeira de coco, natural de Nazaré-Tocantins, filha de mãe solteira (produtora rural e quebradeira de coco).
- Maria Dinalmi Barbosa Costa: 46 anos de idade, mulher negra, mãe de dois filhos, casada, dona de casa e quebradeira de coco, cria um neto de quatro anos, natural do povoado Tamboril município de Angico- Tocantins, filha de ex-vereador e de quebradeira de coco.
- Izaneide da Silva Sousa: 48 anos de idade, mulher parda, mãe de quatro filhos, casada, dona de casa, quebradeira de coco e produtora rural, natural da Serra das Mangabeira- Maranhão, filha de produtor rural e de quebradeira de coco.
- Raimunda Gomes de Sousa: 53 anos de idade, mulher negra, mãe de três filhos, casada, dona de casa, costureira, quebradeira de coco e produtora rural, natural de Darcinópolis-Tocantins, filha de produtores rurais (seus pais trabalhavam na roça e quebravam coco).

- Maria José Alves de Araújo: 63 anos de idade, mãe de seis filhos, chefe de família, mulher branca, natural de Nazaré-Tocantins, quebradeira de coco e merendeira concursada, filha de agricultor e de artesã (nas horas vagas quebrava coco).

Mediante ao que foi exposto acima, os diálogos foram orientados por um roteiro semiestruturado, permaneci no povoado por quatro dias, as visitas foram realizadas juntamente com a minha mãe a dona Maria das Dores Rodrigues Aguiar, a mesma é quebradeira de coco e por conhecer as demais quebradeiras ser dispôs a ir comigo nas visitas. Ao decorrer das visitas o que se vê é coco, quebrado ou amontoado no fundo dos quintais, o povoado por ser rico em babaçuais facilita o acesso das quebradeiras ao recurso natural. Ressalto que as participantes desta pesquisa não estão articuladas a movimentos, cooperativas, associações, sindicatos ou a organizações, no entanto na comunidade elas possuem uma identidade coletiva, quebram coco juntas, conversam sobre os valores do azeite, mantem relações de amizade, vizinhança e parentesco, formando um coletivo local.

4.2.2. Trajetórias Socioespaciais das Quebradeiras de Coco Babaçu do Povoado Centro dos Borges

As observações e coleta de dados primários inicia ao chegar no povoado Centro dos Borges, identificamos que a comunidade tem como fonte de renda os saberes e trabalhos dessas mulheres extrativistas do coco babaçu. Iniciamos os diálogos com as quebradeiras de coco, há no grupo cerca de dez mulheres, contudo para essa análise foram convidadas cinco quebradeiras de coco com algumas características que proporcionaram analisar suas trajetórias a partir de suas vivências cotidianas, conhecimentos, lutas vivenciadas para levar o sustento de suas famílias.

Os critérios estabelecidos para definir as interlocutoras foram estar na faixa etária entre 43 e 63 anos e depender do coco babaçu para sobreviver e se manter-se na comunidade do Centro dos Borges (Riachinho-TO). As interlocutoras são: a) Maria das Dores Rodrigues Aguiar (43 anos), b) Maria Dinalmi Barbosa Costa (46 anos), c) Izaneide da Silva Sousa (48 anos), d) Raimunda Gomes de Sousa (53 anos), e) Maria José Alves de Araújo (63 anos).

Iniciamos com a dona Raimunda Gomes de Sousa, que nasceu no município de Darcinópolis-Tocantins onde morou até chegar no povoado Centro dos Borges, tem cinquenta e três anos de idade popularmente conhecida na comunidade como “Dona Dica”, quebradeira e costureira de roupa, estudou até a 4ª série, pois o estudo não era prioridade, aprendeu a quebrar

coco aos doze anos de idade com a sua mãe, morar no povoado há vinte e dois anos, criou os três filhos quebrando coco e trabalhando na roça.

Explicando a importância da atividade na sua vida ela diz que já chegou a vender alguns quilos do coco (amêndoas) por R\$ 1,00 real para comprar leite e açúcar para alimentar os filhos, ela socorria financeiramente a família com a quebra do coco. Segunda a mesma, hoje as coisas estão menos difíceis já que até as cascas do coco são vendidas para a indústria a TOBASA, o óleo extraído das amêndoas por ela é vendido no município de Darcinópolis -TO. A coleta do coco é realizada por ela na chácara do seu esposo ou nas fazendas próximas ao povoado, em uma das suas falas dona Raimunda relata que “[...] *tive uma vida sofrida, sempre quebrando coco, quebro pela precisão, tenho o bolsa família de oitenta reais, não dá pra viver [...]*”, apesar de ter tido uma vida difícil ser quebradeira de coco para ela é motivo de orgulho, ao decorrer de suas falas percebe-se a afeição que ela têm com a sua profissão, os ensinamentos que a dona Raimunda (Figura 11) adquiriu sobre essa profissão foi passado para sua filha que hoje em dia também é quebradeira de coco.

Figura 11. A Quebradeira de Coco Raimunda Gomes de Sousa



Fonte: RODRIGUES, 2021.

O coco babaçu se apresenta, enquanto produto, importante tanto pelo consumo direto quanto pelos recursos obtidos através da venda dos seus subprodutos, e as cascas do coco babaçu (endocarpo) são comercializadas, ou seja, vendidas para um intermediário (fornecedor) que compra as cascas das quebradeiras de coco no povoado e fornece para a Tobasa Bioindustrial de Babaçu S.A. (SANTOS,2012).

Desse modo, a relação das interlocutoras com a Tobasa dar-se através da venda das cascas de coco, “[...] no estado do Tocantins, a demanda pelo “endocarpo” ou as cascas quebradas, vem aumentando e algumas comunidades já estão fornecendo estas cascas para a indústria (SANTOS, 2021, p.48-49)”, uma alternativa que tem possibilitado ampliar a renda das famílias extrativistas.

No povoado as cascas são vendidas para um intermediário, cada saco cheio de casca custa R\$ 2,00 reais, o comprador de casca (fornecedor) vai até o povoado Centro dos Borges disponibiliza os sacos e os barbantes para as quebradeiras de coco. Segundo elas inicialmente nem todas aceitaram vender suas cascas, pois a cultura local sempre foi queimar as cascas para fazer o carvão para o consumo doméstico, entretanto hoje em dia todas as quebradeiras do povoado realizam a venda das cascas, mesmo não sendo vendido por uma grande quantia em dinheiro, a realização da venda gerar uma renda complementar significativa para as quebradeiras, dependendo da quantidade de sacos vendidos o lucro já garante a compra de alimentos e a suprir outras despesas como, por exemplo, pagar os talões de energia e água. Vale reforçar que a venda da casca acontece também porque com a industrialização está cada vez mais difícil vender as amêndoas (Figura 12).

Figura 12. Casca de coco pronta para ser entregue ao intermediário.



Fonte: RODRIGUES, 2022.

As histórias sobre a vida difícil da quebradeira de coco me são familiares, pois minha avó materna labutou bastante na quebra do coco babaçu devido à “precisão”, era “mãe solteira”, criou os nove filhos quebrando coco e plantando roça, com a venda do coco comprava um saco de açúcar, uma lata de óleo, essa profissão foi passada para as filhas, pois minha mãe e minhas tias aprenderam com ela a quebra coco.

Maria das Dores Rodrigues Aguiar (minha mãe) é quebradeira de coco, nasceu em Nazaré -TO, morava no município de Babaçulândia -TO até então decidiu mudar para o povoado o Centro dos Borges, reside no povoado há sete anos, aprendeu a quebrar coco com doze anos “[...]minha mãe me dava um saco de açúcar vazio pra eu encher de coco e vender depois, ai eu vendia e comprava balinhas” (Marias das Dores Rodrigues Aguiar, 2021), esse foi um dos motivos que a levou a ficar interessada em aprender a quebrar o coco tão cedo, estudou até a 5ª série, tendo que parar de estudar pra ajudar nas tarefas domésticas. Casou-se pela primeira vez aos dezessete anos tornando-se mãe de três filhos, já quebrava coco para vender, hoje aos quarenta e três anos de idade no segundo casamento ainda quebra coco diariamente e o dinheiro que ganha com a venda do azeite e das cascas se tornou um complemento de renda, já que a mesma possui só o Bolsa Família.

Maria das Dores também relata que a quebra do coco é uma distração, se identifica como quebradeira de coco mas não se sente representada na comunidade ao pronunciar que “[...] ser quebradeira de coco aqui é bom porque muitas mulheres quebra coco também aí não há preconceito, tem muito coco perto daqui, nos se junta pra falar de coco, quantos litros quebrou no dia, o que falta é uma associação, um representante pra representar nos aqui [...]” (Maria das Dores Rodrigues Aguiar, 2021), sobre a coleta do coco no primeiro momento ela conversa com o proprietário da chácara depois amontoar os cocos com a ajuda do esposo e ensaca, feito isso precisa pagar um transporte para ir até o local pegar os sacos de cocos e deixar em sua residência (Figura 13).

Figura 13. A Quebradeira de Coco Maria das Dores Rodrigues Aguiar



Fonte: RODRIGUES, 2022.

Outra participante do diálogo foi Maria Dinalmi Barbosa Costa, tem quarenta e seis anos de idade nasceu no povoado Tamboril município de Angico -TO, antes de mudar para o povoado Centro dos Borges era moradora do povoado Tamboril município de Angico-Tocantins, mora no povoado há oito anos, cresceu vendo sua mãe quebrar coco e aos quinze anos aprendeu a profissão, praticando juntamente com sua mãe e suas irmãs, estudou até a 4ª série, ao falar sobre sua infância relata que “[...]era uma vida sofrida, minha mãe criou nós quebrando coco”(Maria Dinalmi Barbosa Costa, 2021), casou com dezesseis anos sendo mãe de dois filhos, morava na roça após ter os filhos quebrava coco com menos frequência porque tinha que cuidar dos filhos, nos dias de muita precisão deixava os filhos com uma vizinha para poder ir quebrar os cocos, “[...] quebrava coco no mato, levava a comida feita já, passava o dia todo lá, pegava chuva, bebia água nas grotas, o litro do coco era quatro, oito reais por aí [...]”(Maria Dinalmi Barbosa Costa, 2021), apesar dos desafios da profissão quebra coco porque gosta afirma ela, e que não trocaria de profissão, conta que quando o esposo adoeceu passou três anos pagando as contas de casa apenas com a renda do coco ao vender o azeite e as cascas.

Para Maria Dinalmi quebrar coco se tornou um modo de vida, hoje em dia o seu cotidiano consiste nas atividades domésticas e na quebra do coco, sua rotina é de segunda-feira a sexta-feira quebrando os cocos e no final de semana extrai o azeite, ela usa o azeite de coco

para o próprio consumo, mas também comercializa a venda do produto que é feita no município de Ananás-TO, assim como as demais participantes desta pesquisa a sua relação com o lugar incide no afeto com o lugar é o companheirismo entre o grupo, a identidade de quebradeira de coco está relacionado com o povoado lugar de vivência dessas mulheres, de tal modo “A identidade, o sentimento de pertencimento e o acúmulo de tempos e histórias individuais consistem o lugar” (MOREIRA; HESPANHOL, 2007, p.54) (Figura 14).

Figura 14. A Quebradeira de Coco Maria Dinalmi Barbosa Costa



Fonte: RODRIGUES, 2021.

Dando procedimento aos diálogos com as mulheres quebradeiras no povoado Centro dos Borges, fui ao encontro da quebradeira de coco e agricultora Izaneide da Silva Sousa, natural da Serra das Mangabeiras- Maranhão tem quarenta e oito anos, mãe de quatro filhos, estudou até a 5ª série, aprendeu a quebrar coco com dez anos de idade através da sua mãe, concilia os afazeres domésticos com o trabalho na roça e a profissão de quebradeira de coco, costuma quebra coco em casa onde os cocos são amontoados no quintal (Figura 13), após criar as filhas continuar quebrando coco, relata que não tinha dificuldades para realizar a coleta do coco a “cata” era realizada dentro das terras da própria família, podendo coletar e quebrar livremente, além da renda financeira o babaçu propicia a ela a sensação de liberdade “[...] me sinto uma pássaro livre” (Izaneide da Silva Sousa, 2021), a sua trajetória de vida no estado do Maranhão deu-se no extrativismo do babaçu, morava no município de Balsas -MA até então mudou para o povoado Centros dos Borges (Riachinho -TO) há um ano e quatro meses trazendo

consigo seus conhecimentos tradicionais, memórias, vivências e seu modo de vida, os seus familiares não apoiam a sua profissão, pelas filhas ela já teria deixado de quebrar coco, no entanto dona Izaneide não abre mão da profissão, pois tem sido seu único meio de adquirir seu próprio dinheiro, ou seja, sua independência financeira.

Figura 15. Cocos amontoados no quintal da Dona Izaneide da Silva Sousa



Fonte: RODRIGUES, 2021

O último diálogo realizado no estudo de campo foi com a quebradeira de coco Maria José Alves de Araújo uma das moradoras mais antigas do povoado, mãe de seis filhos, tem sessenta e três anos é cria dois netos, nasceu no município de Nazaré-TO onde morou até ser mudar para o povoado Centro dos Borges é moradora do povoado há sessenta anos, estudou até a 5ª série, ao ser questionada sobre os estudos relata que “[...]era difícil estudar, ir pra roça e ajudar os pais em casa” (Maria José Alves de Araújo, 2021), dona Maria José mudou em 1960 juntamente com os seus pais e os irmãos para o povoado com três anos de idade, construiu sua trajetória de vida no povoado, casou aos quinze anos, quebrava coco pela manhã e à tarde vendia as amêndoas por quilo. (Figura 16)

Atualmente trabalha como merendeira (concurzada) na Escola Municipal Tancredo Neves situada no povoado, há vinte e cinco anos, tendo como renda o salário de merendeira e o coco babaçu por meio da venda do óleo e das cascas, o óleo é vendido em Araguaína-TO, não tem dificuldade para coleta o coco, pois seus familiares possui terras próximas ao povoado, após juntar e ensacar os cocos com a ajuda dos familiares a prefeitura municipal disponibiliza um carro para buscar os cocos que é deixando na sua residência, os cocos são amontoados no fundo do quintal da dona Maria José (Figura 17), ao falar sobre o povoado demonstrou pertencimento ao lugar, ao dizer “[...] eu me criei aqui, criei meus filhos quebrando coco, meus

pais, minha família toda e daqui então eu tenho muito amor, por ele, pelo Centro dos Borges [...]” (Maria José Alves de Araújo, 2021).

Figura 16. A Quebradeira de Coco Maria José Alves de Araújo



Fonte: RODRIGUES, 2022.

Figura 17. Cocos amontoados no quintal



Fonte: RODRIGUES, 2021.

Em suma, há quatro quebradeiras de coco que são naturais do Tocantins, Maria das Dores Rodrigues Aguiar que nasceu em Názare -TO até então morava de aluguel no município de Babaçulândia -TO mudou para o povoado ao conseguir comprar sua casa própria no local, a

dona Maria Dinalmi Barbosa Costa que nasceu no povoado Tamboril município de Angico - TO veio para o povoado por se um lugar desenvolvido e de fácil acesso o que facilita na venda do azeite, a dona Maria José Alves de Araújo que nasceu em Názare -TO migrou para o povoado aos três anos de idade acompanhando seus pais que estavam em busca de terra para habitar e trabalhar, é a dona Raimunda Gomes de Sousa que nasceu no município de Darcinópolis -TO chegou a passeio no povoado gostou do lugar e decidiu ficar. A quebradeira de coco dona Izaneide Silva Sousa é natural do estado do Maranhão, nasceu em Serra das Mangabeiras -MA quando se casou mudou para Balsas -MA, conheceu o povoado Centro dos Borges através dos parentes que moram no povoado desde então planejou a sua vinda para o povoado seu esposo já tinha conseguido uma terra para trabalhar próxima ao povoado o que contribuiu para que a mudança de estado ocorresse.

Todavia, as relações ou vínculos estabelecidos entre essas quebradeiras na comunidade são de vizinhança, amizade e parentesco, estão localizadas na rua principal do povoado na Rua Vicente Borges, a dona Maria das Dores, por exemplo, é cunhada e comadre da dona Maria Dinalmi se conhecem de longa data já a dona Raimunda é amiga e vizinha da dona Maria Dinalmi. Elas não fazem a coleta do coco juntas, mas quebram juntas e em um dia de adjunto (mutirão ou troca de dia) onde se juntam para a quebra do coco, e um momento que fortalece os vínculos entre elas ao compartilharem experiências, risos e histórias de vida.

O que elas têm em comum, são mulheres fortes e resistentes, enfrentaram dificuldades, vivem na correria do dia a dia, são donas de casa, trabalharam ou trabalha na roça, são quebradeiras de coco, são responsáveis pela educação de filhos e até netos, essencialmente são responsáveis pela transmissão desse conhecimento tradicional que é passado no povoado de mãe para filhas e netas. Os relatos contados por essas interlocutoras são parecidos, de uma vida “sofrida”, de pouco estudo, onde muitas vezes pela “precisão” o coco era a única renda que a sua família tinha. Desde criança essas mulheres foram influenciadas a aprender a quebra coco, acompanhavam suas mães até os cocais, nessa rotina elas foram aprendendo a profissão e hoje são quebradeiras de coco, coleta, quebrar, tirar o azeite, engarrafa e vende no povoado, nos municípios e cidades próximas.

Mediante aos relatos das participantes, nota-se que as mulheres do povoado dificilmente quebram coco em grupo preferindo fazer a atividade individualmente, todavia dependendo da quantidade de coco elas fazem o “adjunto” uma vez por semana, se reúnem na casa de uma das quebradeiras para ajudá-la a quebrar os cocos dela, feito isso as ajudantes ganham um dia de ajuda em troca. É necessário enfatizar que as participantes do diálogo não têm nenhum

conhecimento sobre os seus direitos enquanto quebradeiras de coco, desconhecem os movimentos, como o MIQCB (Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu), movimento que representa as mulheres quebradeiras de coco. Assim, as mulheres da comunidade do Centro dos Borges sabem da necessidade de cuidar dos babaçuais, mas não estão envolvidas na luta pela conservação dos babaçuais, que são uma das pautas vinculadas ao MIQCB, já em relação ao Dia Estadual da Quebradeira de Coco no Tocantins que é comemorado no dia 07 de novembro é a Lei do Babaçu Livre que foi aprovada no Tocantins em 14 de agosto de 2008 até então elas nunca tinham ouvido falar.

O Dia Estadual da Quebradeira de Coco trata-se do reconhecimento a profissão de quebradeira de coco, conquistado com um histórico de luta e resistência, reconhecendo a identidade dessas mulheres envolvidas com a quebra do coco, esse dia é comemorado em 24 de setembro nos estados do Maranhão, Pará e Piauí, já no estado do Tocantins é comemorado no dia 07 de novembro em homenagem a quebradeira de coco e liderança Dona Raimunda Gomes da Silva que faleceu em 2018, dia 07 de novembro.

A Lei do Babaçu Livre é uma das lutas das quebradeiras de coco e do MIQCB, a mobilização em torno dessa lei surge na década de 1980, no período do coco preso “[...] época em que o acesso aos babaçuais era negado por ordem dos proprietários de terras das regiões de ocorrências desse recurso natural (SILVA, 2014, p.29)”, as quebradeiras eram proibidas de coleta e quebra coco em áreas privadas, depois de muitas tentativas do movimento juntamente com as quebradeiras que as Leis do Babaçu Livre foram sendo sancionadas, primeiramente no estado do Maranhão em 1997, é atualmente existem 22 leis aprovadas no âmbito estadual e municipal nas regiões de atuação do MIQCB nos quatro estados Maranhão, Tocantins, Pará e Piauí, apesar das aprovações nos âmbitos municipais e estaduais, a luta continua para que sejam de fato implementadas. (BRITO, 2019)

Vale salientar que as mulheres que exercem atividade de quebradeiras de coco babaçu no povoado Centro dos Borges se organizam individualmente e coletivamente no seu território, mas vários fatores as impedem de articular com outras mulheres com uma militância em função dos direitos coletivos e políticas públicas específicas. Alguns dos fatores que contribui para que haja essa desinformação é a pouca escolaridade (analfabetismo funcional), outro fator é a falta de apoio por parte de representantes políticos do município, ainda existe uma invisibilidade no que diz respeito a identidade da quebradeira de coco babaçu e seus conhecimentos tradicionais, mesmo sendo uma profissão de tradição, no povoado não a nenhum representante das quebradeiras de coco com projeção externa. De acordo com Santos (2012, p.16):

Portanto, as comunidades que trabalham com a cata e a quebra do coco de babaçu, através de associações, cooperativas, organizações não governamentais (entre outras), demandam acompanhamento e orientação que possam promover e fortalecer essa cadeia produtiva, com o uso racional do coco e a conservação da palmeira, pois a baixa escolaridade ainda é um fator presente nas comunidades extrativistas que interfere na compreensão dos extratores quanto aos procedimentos burocráticos que acompanham a implementação de políticas ou projetos para benefício da cadeia produtiva do babaçu.

Ao conhecer e observar como é o dia a dia da mulher quebradeira de coco babaçu, entende-se o porquê delas dizerem que “não é uma vida fácil”, a quebra do coco babaçu é uma atividade que exige força física desde a coleta para carregar os sacos cheios de coco até a quebra do coco, já que é feita manualmente com o machado (A) ou uma cunha (B) e um cacete de madeira para partir o coco e retirar a amêndoa. (Figura 18)

Figura 18. Machado, cunha, cacete de madeira usados na quebra tradicional do coco babaçu



Fonte: RODRIGUES, 2022.

A figura 19 mostra o processo de transformação do babaçu em óleo de modo tradicional realizado pelas quebradeiras do povoado, inicialmente os cocos serão quebrados para retirar as amêndoas que a seguir são cortadas (A), logo após são torradas nessa fase o povoado ganha um perfume diferente exalando pelas ruas o aroma do coco torrado (B, C), posteriormente será triturado em um moedor (D), feito isso inicia-se o processo de cozimento (E) o óleo ficará exposto na superfície do tacho por ser mais leve ficando por cima da massa da amêndoa, dando continuidade ao processo logo é feito o que elas chamam de “apura o azeite”, ou seja, a hora de extrair o óleo, feito com o auxílio de uma concha, após a separação e esperar baixa a temperatura para engarrafar o produto, utiliza-se a garrafa PET reutilizável, estando pronto para ser consumido pelas quebradeiras ou vendidos (F).

Figura 19. Processo realizado para extrair o azeite de coco



Fonte: RODRIGUES, 2022.

Durante a pesquisa nos deparamos com outro impeditivo para as quebradeiras de coco desenvolverem suas atividades, pois o mundo encontra-se em um período pandêmico ocasionado pela Covid-19 uma doença causada pelo vírus SARS-CoV-2 detectado na China em dezembro de 2019 e denominada como pandemia em 2020 pela Organização Mundial de Saúde (OMS), em um cenário nunca visto antes com um vírus afetando todos os setores da sociedade muitos países implementaram uma série de intervenções no intuito de conter o avanço do vírus e o seu contágio, tais medidas incluem o distanciamento social, isolamento, quarentena, uso de máscaras faciais, proibição de aglomerações, em casos de emergência o *lockdown* (restrição absoluta de entrada e saída da região). O novo coronavírus tem como sintomas mais comuns: tosse, febre, coriza, dor de garganta, diarreia, dificuldade para respirar, perda do olfato, alteração no paladar, distúrbios gastrointestinais (náuseas/vômitos e diarreia), diminuição do apetite e dispneia (falta de ar). (CAVALCANTI *et al.*, 2020)

Tendo em vista as limitações impostas pela pandemia (Covid-19), sugeriram ações para controlar a disseminação do vírus no município de Riachinho-Tocantins a partir da criação de decretos pela prefeitura municipal do município, assim o distanciamento social foi uma das

medidas adotadas pela população, tendo como objetivo reduzir as interações na comunidade para que não houvesse nem um tipo de aglomeração. Com essa medida as quebradeiras do povoado não estão realizando a prática de quebrar o coco em grupos, pois como já dito elas não estão articuladas ao movimento sócio-político e/ou associações, assim são caracterizadas como individuais, contudo dentro da comunidade as atividades são coletivas como de costume.

Durante o diálogo as participantes relataram que a falta de interação com as demais quebradeiras tem sido algo ruim já que o grupo possui uma relação afetiva e de companheirismo. Em relação a geração de renda, as vendas do produto (azeite), no período de pandemia diminuiu, no entanto com a valorização do azeite do coco babaçu a procurar por esse produto tem aumentado na região, o que favoreceu a exportação do produto para as cidades próximas como Riachinho -TO, Ananás -TO, Tocantinópolis -TO e Araguaína -TO onde são vendidos no valor de R\$ 35,00 a R\$45,00 reais.

Hoje em dia com praticamente quase dois anos de pandemia as participantes da pesquisa tiveram que ser adaptar, assim sendo as quebradeiras de coco Marias das Dores Rodrigues Aguiar, Maria Dinalmi Barbosa Costa, Izaneide da Silva Sousa e a dona Raimunda Gomes de Sousa seguem mantendo a mesma rotina diária, já a quebradeira de coco Maria José Alves de Araújo por ter 63 anos evita sair de casa com os cocos amontoados em casa ela tem quebrado sozinha. Segundo elas chegaram à quebrar coco com menos frequência no início da pandemia, no entanto nunca deixarão de exercer a profissão, o fato do coco babaçu já se considerado um provedor de renda indispensável para essas mulheres contribuiu para que haja essa resistência frente a essa crise econômica e social atual, além de precisarem desta ajuda financeira quebra coco é algo que elas gostam de fazer, essa atividade faz parte da vida dessas mulheres.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das limitações que tivemos para desenvolver a pesquisa no período pandêmico (Covid-19), conseguimos realizar o estudo de campo, fomos até o povoado seguindo todas as recomendações de segurança quanto à pandemia durante as visitas, foram quatro dias no povoado os encontros nos proporcionaram muita conversa e aprendizado, destacamos aqui a receptividade e a disposição das cinco participantes em contribuir com esta pesquisa, pois mesmo na correria do dia a dia elas aceitaram participar, partilhar de suas vivências e mostrar as suas realidades em torno da atividade (extrativismo do babaçu).

As interlocutoras desta pesquisa Maria das Dores Rodrigues Aguiar (43 anos), Maria Dinalmi Barbosa Costa (46 anos), Izaneide da Silva Sousa (48 anos), Raimunda Gomes de Sousa (53 anos) e Maria José Alves de Araújo (63 anos) fazem parte do grupo de quebradeiras de coco do povoado Centro dos Borges, sendo um grupo com cerca de dez mulheres, não estão articuladas a movimentos, cooperativas, associações, sindicatos ou a organizações, quebram coco quase todos os dias se identificam como quebradeiras de coco, com a valorização do azeite de coco na região elas movimentam a economia do povoado, além de renda a quebra do coco faz com que essas mulheres tenham um profissão dentro do povoado pois a maioria delas não possui emprego, vivem da quebra do coco e de programas como o Bolsa Família.

O extrativismo do babaçu no povoado dar-se da seguinte forma, são as mulheres que tomam a iniciativa de ir até os babaçuais junta e coleta os cocos, na maioria das vezes contam com a ajuda de familiares no processo da coleta, dos seus companheiros, a prefeitura municipal disponibiliza um veículo para transportar os cocos até a residência das quebradeiras quando isso não acontece elas pagam frete, devido os babaçuais serem próximos ao povoado a quebra do coco é feito em casa os cocos são amontoados no fundo dos quintais, geralmente essas mulheres quebram coco individualmente dependendo da quantidade de coco elas fazem o adjunto uma vez por semana, o azeite é vendido quase sempre nos municípios próximos ao povoado no valor de R\$ 35 (trinta e cinco reais) a R\$ 45 (quarenta e cinco reais), já as cascas que antes era usada na produção de carvão atualmente são vendidas no povoado para um intermediário o qual compra as cascas no valor de R\$2 (dois reais) (cada saco) é posteriormente fornecerá para a Tobasa uma indústria localizada no município de Tocantinópolis-Tocantins.

Além do azeite, das amêndoas é retirado o leite (leite de coco) usado na preparação de comidas, a minha mãe por exemplo a dona Maria das Dores usa esse leite no preparo de peixes, lembro-me que quando era criança ela cozinhava uma abóbora madura em pedaços e depois

adicionava o leite de coco, açúcar e eu e meus irmãos amávamos, no povoado as palhas do babaçu é usado na cobertura de casas e na confecção de côfos que servem para transportar os cocos na coleta ou colocar as amêndoas.

Antes de dar início a esta pesquisa eu já tinha um breve conhecimento sobre as participantes, isso foi um dos fatores que me levou a trabalhar com a temática “quebradeiras de coco babaçu”, são mulheres que detêm o conhecimento tradicional do uso do babaçu e possuem trajetórias de vida comuns. A Maria das Dores Rodrigues Aguiar é minha mãe, tocantinense, trabalhou na roça, estudou até a 5ª série, casou cedo, aprendeu a quebra coco aos doze anos de idade, ao decorrer de sua vida trabalhou como doméstica é hoje se dedica somente a quebra do coco, como quebradeira de coco possui seu próprio dinheiro, sente-se orgulhosa da profissão.

A dona Maria Dinalmi Barbosa Costa é minha madrinha, cunhada e comadre da minha mãe, natural do povoado Tamboril município de Angico-Tocantins, dona de casa e quebradeira de coco, após criar os dois filhos hoje em dia cria um neto de quatro anos de idade, vive da quebra do coco, possui afeição pela sua profissão e pelo lugar onde viver.

A dona Izaneide da Silva Sousa é maranhense, amiga da minha mãe que ao decorrer das visitas a campo pude contar com a sua amizade, toda a sua história de vida está relacionada ao extrativismo do babaçu, aprendeu muito cedo a quebra coco aos dez anos de idade, se quebradeira de coco para ela é ter liberdade e ser uma mulher independente, além da quebra do coco a agricultura familiar também faz parte do seu cotidiano.

A Raimunda Gomes de Sousa a dona “Dica” como é conhecida no povoado mim conhece desde de criança, já são vinte e dois anos morando no povoado Centros dos Borges, durante a nossa conversa contou relatos da sua infância, as dificuldades que enfrentou para criar os três filhos quebrando coco e trabalhando na roça, quebra coco desde os doze anos de idade parou de estudar para quebra coco, com um semblante de cansaço por toda sua trajetória de luta dedicação a profissão não deixa de sorrir, vive a vida na simplicidade da mulher do campo.

Já a dona Maria José Alves de Araújo trabalhou na roça é quebradeira de coco e merendeira na escola que eu estudei no povoado Centro dos Borges, é uma das moradoras mais antigas do povoado são sessenta anos morando no lugar, mãe de seis filhos, criou os filhos sozinha (chefe de família) hoje em dia cria dois netos, tem como renda a quebra do coco e o salário de merendeira, em suas palavras demonstra amor\apego ao lugar onde vive há tanto tempo, ao sessenta e três anos diz que não pretende deixar a profissão de quebradeira de coco

pois é algo que gosta de fazer, passou o seus conhecimentos sobre a atividade para seus familiares assim a atividade é uma tradição para dona Maria José.

Em conversa com as participantes as mesmas não mencionaram ter dificuldades no acesso aos babaçuais, isso porque para os proprietários das terras o babaçu é visto como uma praga nas pastagens fora a retirada dos cocos torna-se comum ver pela região a derrubada das palmeiras, queimadas até mesmo o envenenamento das pindovas.

As histórias dessas mulheres trazem à tona as dificuldades enfrentadas para garantir o sustento familiar, com a venda do coco, do azeite, a maioria delas começou a quebrar coco muito cedo ainda na infância, sem conseguir conciliar essa atividade com os estudos acabavam por desistir dos estudos, dedicando-se ao trabalho na roça, a quebra do coco, os afazeres domésticos e a família. Essa pouca escolaridade (analfabetismo funcional), resulta na falta de informações sobre assuntos relacionados à profissão de quebradeira de coco, como o MIQCB, o Dia Estadual da Quebradeira de Coco no Tocantins, a Lei do Babaçu Livre, uma das formas de inserir essas mulheres na sociedade seria abordar essas pautas com o grupo, através de encontros no povoado, rodas de conversa, promoção de saberes, organização local, projetos no município voltado para o extrativismo dessas mulheres.

Contudo, ao identificar, historicizar, territorializar essas mulheres nesta pesquisa esperamos que esse estudo contribua para dar visibilidade às mulheres quebradeiras de coco babaçu do povoado Centro dos Borges, que ainda tem sua profissão invisibilizadas no município e no povoado onde vivem para que não sejam vistas apenas como mães, donas de casa, lavradoras, mas como também mulheres que possuem uma profissão importante.

Um dos pontos apresentados por elas é que não há de fato um representante do grupo na comunidade, portanto faz-se necessário uma intervenção exterior a elas, de alguém que as identifiquem como grupo, que represente elas no âmbito político, destacando a valorização dessa atividade e dos seus produtos no contexto local principalmente pois são elas que movimentam a economia do lugar onde estão inseridas.

Este trabalho buscou analisar a trajetória socioespacial das quebradeiras de coco babaçu do povoado Centro dos Borges, no município de Riachinho-Tocantins no ano de 2021 e 2022, evidenciando as narrativas das quebradeiras de coco, conhecendo o cotidiano vivenciado por elas, o coletivo das quebradeiras na comunidade. Ao observar toda a trajetória dessas mulheres, conseguimos notar o quanto foram fortes e resistentes, ao romper um pouco do preconceito em relação à identidade de ser mulher quebradeira de coco na comunidade, assumem sem medo a

profissão com orgulho do que fazem apesar da quebra do coco ser uma profissão exaustiva é ainda desvalorizada.

Enfim, acreditamos que esta pesquisa apresenta relevância para o ensino de Geografia pelas questões abordadas e pela proposta metodológica apresentada neste trabalho. Acreditamos ainda que essa pesquisa não se encerra aqui, pois estudar essa temática pode em muito contribuir para o rompimento da invisibilidade, desvalorização do extrativismo do babaçu no contexto local, uma vez que as comunidades tradicionais ainda continuam perdendo seus territórios, direitos, espaços na sociedade, é importante conhecer os agentes dessa profissão, suas causas de luta. Contribuindo também com o município de Riachinho -TO para que haja a preservação dos babaçuais, sobretudo com o povoado Centro dos Borges que até então não tinha nada escrito sobre sua história, cultura, tradições, é um material que pode ser exposto\usado nas escolas, bibliotecas, eventos culturais, para que os moradores possam conhecer o seu lugar de origem e reconhecer o extrativismo do babaçu como algo cultural no povoado.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Quebradeiras de coco babaçu: um século de mobilizações e lutas - Repertório de fontes documentais e arquivísticas, dispositivos legais e ações coletivas (1915-2018)**. Manaus: UEA Edições / PNCSA, 2019.

BARBOSA, Viviane de Oliveira. **MULHERES DO BABAÇU: Gênero, maternalismo e movimentos sociais no Maranhão**. Niterói, 2013. Tese (Doutorado) – Programa de PósGraduação em História Social. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017.

BARBOSA, Viviane de Oliveira. Trabalho, Conflitos e Identidade numa Terra de Babaçu. **História Social**, n. 14/15, 2008. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/137>. Acesso em: 10\04\2021.

BRITO, Kathiane Santana. **Não existe babaçu livre em terra presa: estratégia, autonomia e resistência dos babaçuais**. São Luís, 2019. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia, Universidade Estadual do Maranhão, 2019.

BRASIL. **Decreto n.º 6.040, de 07 de fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília: Presidência da República, 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm>. Acesso em: 25\02\2022.

CAVALCANTI, M. F.; MESQUITA, G. F.; SOUZA, J. B.; ANJOS, K. R. B.; BEZERRA, M. H. A.; MORAIS, M. N. A.; SALES, S. G. S.; MEDEIROS, S. M. F. R. S.; SILVA, T. F.; SILVA, T. S. **Plantas medicinais e seus possíveis benefícios no enfrentamento da Covid 19**. Rfb Editora, Belém, ed. 1, v. 6, 46p. ago. 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/38161>>. Acesso em: 27\01\2022.

CARRAZZA, Luís Roberto; SILVA, Mariane Lima da; ÁVILA, João Carlos Cruz. **Manual Tecnológico de Aproveitamento Integral do Fruto do Babaçu**. Brasília-DF. Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN). 2 ed. Brasil, 2012. Disponível em: <<http://www.ispn.org.br/babacu-manual-tecnologico-de-aproveitamento-integral>>. Acesso em: 06\11\2021.

CIRQUEIRA, Diogo Marçal. **Entre o corpo e a teoria [manuscrito]: a questão étnico-racial na obra e trajetória de Milton Santos**. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais. Goiânia: UFG. 2010.

COSTELLA, Roselane Zordan. **O significado da construção do conhecimento geográfico gerado por vivências e por representações espaciais**. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, UFRGS. Porto Alegre- RS, 2008.

DIAS, Luciene de Oliveira. **Interseções de gênero: mulheres quebradeiras de coco e a geração de vidas solidárias**. Universidade Federal de Goiás: IV Seminário de Trabalho e Gênero, Protagonismo, Ativismo, Questões de Gênero, 2012. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/245/o/Interse%C3%A7%C3%B5es_de_g%C3%AAnero.pdf>. Acesso em: 17\02\2022.

FERREIRA, Antonio Marcos Neres. **O total aproveitamento do coco babaçu (Orbignya oleífera)**. Brasília, 2011. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso), Universidade de Brasília. Curso Biologia, 2011, p.27.

FRANÇA, G.B.; PEREZ, J.C.; ISAGUIRRE, K.R.; BARBOSA, L.C.B.G. Gênero e território: a participação das mulheres nas práticas de sustentabilidade e a afirmação da territorialidade enquanto elemento de cidadania. **Cadernos da Escola de Direito e Relações Internacionais**, Curitiba, v3, n16, p.294-306, 2015. Disponível em: <<https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/cadernosdireito/article/view/2959>>. Acesso em: 15\01\2022.

GIL, Antonio Carlos (1946). **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, ed.4ª, 2002.

HALL, Stuart (1999). **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guaciara Lopes Louro. ed.11. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. P.102. Tradução de: The question of cultural identity.

IBGE| Cidades@| Tocantins| Riachinho| Panorama. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/riachinho/panorama>>. Acesso em: 17\10\ 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Manual técnico da Vegetação Brasileira**. Série Manuais Técnico em Geociências.n.1, ed.2ª. Rio de Janeiro: IBGE, p.271, 2012. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=263011>>. Acesso em: 15\05\2022.

LENA, Milena Botelho Azevedo. **NARRATIVA E MEMÓRIA: O TRABALHO DAS QUEBRADEIRAS DE COCO DA REGIÃO DO BICO DO PAPAGAIO EM “RAIMUNDA A’ QUEBRADEIRA”**. 125p. Palmas, 2020. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós- Graduação em Comunicação e Sociedade. Palmas: Universidade Federal do Tocantins, 2020.

LIMA, Maria do Socorro Teixeira. Maria do Socorro Teixeira Lima: Quebradeira de coco, professora e poeta- Uma Palmeira de Coco Babaçu com muitas amêndoas. In: NOVAES, Jurandir Santos de; MARTINS, Cynthia Carvalho (Org.). **Narrativas Quebradeiras de Coco Babaçu**. São Luís: UEMA, 2021. p.9-106.

MIQCB. **Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia**. Série: Movimentos sociais, identidade coletiva e conflitos. FASCÍCULO 1, Quebradeiras de coco babaçu do Piauí, São Luís, 2005a.

MIQCB. **Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia**. Série: Movimentos sociais, identidade coletiva e conflitos. FASCÍCULO 2, Quebradeiras de coco babaçu do Mearim, São Luís, 2005b.

MIQCB. **Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia**. Série: Movimentos sociais, identidade coletiva e conflitos. FASCÍCULO 3, Quebradeiras de coco babaçu do Tocantins, São Luís, 2005c.

MIQCB. **Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia**. Série: Movimentos sociais, identidade coletiva e conflitos. FASCÍCULO 5, Quebradeiras de coco babaçu do Pará, São Luís, 2005d.

MONTENEGRO, M. K. S; RODRIGUES, S. J. D. **A organização das quebradeiras de coco babaçu e sua produção do território**. Revista Campo – Território. vol.15, n.39. p.145-161, dez, 2020. ISSN 1809-6271. Disponível em:<
<https://seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/60277> >. Acesso em: 25\02\2022.

OLIVEIRA, Léia Andrade. **Geografia, escola e a construção do conhecimento cartográfico**. Monografia (Graduação) Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Cajazeiras - PB, 2015.

LIMA, Maria do Socorro Teixeira; ALMEIDA, Rejane Cleide Medeiros de. “NÃO EXISTE VIDA LIVRE SEM TERRA LIVRE”: HISTÓRIA DE VIDA E MILITÂNCIA DE UMA LIDERANÇA QUEBRADIRA DE COCO DO TOCANTINS. In: ALMEIDA, Rejane et al (Org.). **Luta e Resistências de Mulheres, Indígenas, Comunidades Tradicionais e Camponesas: produção de saberes e territorialidades**. Escritas: Revista do Curso História de Araguaína.vol.13, n.2,p.212-224, 2021. ISSN 2238-7188.

PNCSA. **Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia**. Série: Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos. São Luís: MIQCB, 2005. Disponível em:
<<http://novacartografiasocial.com.br/download/03-quebradeiras-de-coco-babacu-tocantins>>. Acesso em: 04\01\ 2022.

Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura. v. 19. Brasil, 2004. Disponível em:
<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/74/pevs_2004_v19.pdf >.Acesso em: 08\02\2022.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. A GEOGRAFIA: PESQUISA E ENSINO. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org). **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto (Caminhos da Geografia), 2005. p.111-142.

RAFFESTIN, Claude. **POR UMA GEOGRAFIA DE PODER**. Trad. Maria Cecília França. São Paulo: Editora Ática S.A. v.29, 1993.

ROCHA, Maria Regina Teixeira da. **A rede sociotécnica do babaçu no Bico do Papagaio-TO: dinâmicas da relação sociedade – natureza e estratégias de reprodução social agroextrativista**. Tese (Doutorado)- Programa de Pós- Graduação em Desenvolvimento Rural. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. 4.ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e Concepções de Território**. –São Paulo: Outras Expressões, 3 ed.p.192,2013.

SANTOS, Lucélia Neves dos. **Arranjos produtivos do coco de babaçu e qualidade de vida na Região do Bico do Papagaio**. 244p. Palmas, 2021. Dissertação (Mestrado)- Programa de

Pós- Graduação em Desenvolvimento Regional. Palmas: Universidade Federal do Tocantins, 2012.

SERPA, Angelo. **Por uma geografia dos espaços vividos: geografia e fenomenologia**. São Paulo: Contexto, 1.ed, 1ª reimpressão, 128 p, 2021.

SUÁREZ, Jorge Eliécer Acosta. **O extrativismo de samambaia-preta: uma alternativa de renda para agricultores familiares da encosta da Mata Atlântica no município de Maquiné (RS)**. 197f. Porto Alegre, 2007. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

SILVA, Leididaina Araújo. **Movimento interestadual das quebradeiras de coco babaçu: mulheres, trabalho e informação**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em:< <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/798> >. Acesso em: 15\01\2022.

SWERTS, Leila Affonso. **Políticas de desenvolvimento, organização do território e participação: as quebradeiras de coco babaçu na microrregião do Bico do Papagaio, Tocantins**. 167f. Brasília-DF, 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia)-Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em:< <https://repositorio.unb.br/handle/10482/4799> >. Acesso em: 31\01\2022.

SANTOS, George Madson Dias. **Mulheres ribeirinhas de São Carlos do Jamari/Rondônia: da vida passada às perspectivas de futuro**. 2016. 72 f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2016. Disponível em:< <https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/2127> >. Acesso em: 11\02\2022.

SOARES, Vera. Mulher, Autonomia e Trabalho. In: **Autonomia econômica e empoderamento da mulher: textos acadêmicos**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011. (p.281-301)

SILVA, Elisa Marie Sette; NAPOLITANO, Juliana Elisa; BASTOS, Silvana (Org.). **Pequenos Projetos Ecosociais de quebradeiras de coco babaçu: reflexões e aprendizados**. - Brasília: ISPN, 2016. Disponível em:< <https://www.miqcb.org/publicacoes> >. Acesso em: 02\02\2022.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

APÊNDICE

APÊNDICE 1 - Plano de aula (a)

PLANO DE AULA	
Escola:	
Disciplina: Geografia	
Professor(a):	
Ano: 2º ano do Ensino Fundamental	Turma:
Data:	
TEMA: A PAISAGEM DO LUGAR	
Conteúdo Programático: <ul style="list-style-type: none">● A paisagem do babaçu.● As quebradeiras de coco.● A paisagem é os fatores sociais, culturais e econômicos.● Extrativismo do babaçu.	
Competências: <p>Utilizar os conhecimentos geográficos para entender a interação sociedade/natureza e exercitar o interesse e o espírito de investigação e de resolução de problemas.</p>	
Habilidades: <p>EF02GE08) Identificar e elaborar diferentes formas de representação (desenhos, mapas mentais, maquetes) para representar componentes da paisagem dos lugares de vivência.</p>	
Objetivo Geral: <p>Fazer com que o aluno construa um mapa mental com representações da paisagem que representa o trajeto casa - escola.</p>	
Objetivos específicos: <ul style="list-style-type: none">● Discutir o conteúdo de paisagem a partir da realidade local do povoado Centro dos Borges.● Desenvolver as habilidades de observação, interpretação e construção de mapas.	
Metodologia: <p>1º Momento: Inicia-se com a contextualização do tema da aula. Apresentação do tema a ser pedido aos alunos - Paisagem que é observada por eles no trajeto casa-escola. Promover um diálogo acerca do tema trabalhado em sala partindo para a exposição do conceito científico de Paisagem e os elementos que compõem a paisagem.</p> <p>2º Momento: Escrever no quadro a palavra paisagem, solicitar aos estudantes que cite palavras e/ou frases sobre a paisagem do seu trajeto escola-casa. As respostas dos educandos serão usadas para fazer um mapa mental no quadro, após isso os educandos serão questionados sobre o que é um mapa mental, com o uso das ilustrações (modelos de mapa mental) será explicado o conceito e qual a finalidade do uso desse tipo de mapa.</p> <p>3º Momento: Dando continuidade aproximando o conteúdo a realidade dos alunos será abordado a paisagem referente aos babaçuais e do coco babaçu, fazendo uso de imagens da paisagem local (impressas), a sua importância, a relação dessa paisagem com as quebradeiras de coco da comunidade.</p>	

Recursos Didáticos:

Papel sulfite A4, materiais de uso do aluno (lápis de cor, lápis de escrever, borracha), modelos de mapa mental impressos, imagens de paisagem babaçuais e do coco babaçu da própria comunidade (impressas).

Avaliação:

Será solicitado uma ação propositiva aos educandos, que façam um desenho (mapa mental) do trajeto casa- escola, identificando a paisagem onde eles estão inseridos. Ao final da aula realizar-se-á a sistematização, momento de exposição dos mapas mentais produzidos pelos alunos.

Referências:

- ARCHELA, Rosely Sampaio; GRATÃO, Lucia Helena; TROSTDORF, Maria A.S. **O lugar dos mapas mentais na representação do lugar**. Geografia, Londrina. v.13, n.1, p.127-141, jan/jun.2004. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/geografia/v13n1eletronica/7.pdf>>.
- AZAMBUJA, L.D. **Trabalho de campo e ensino de Geografia**. Geosul, Florianópolis. v.27, n.54, p.181-195, jul/dez.2012.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Geografia no Ensino Fundamental – Anos Iniciais. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.
- BERTRAND, G. **Paisagem e geografia física global**. R. RAËGA, Curitiba:Editora UFPR. n.8, p. 141-152, 2004. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/328067418.pdf>>.
- CARLOS, A.F.A; CRUZ, R.C.A (orgs). **A NECESSIDADE DA GEOGRAFIA**. São Paulo: Contexto, p.256, 2019.
- GIOMETTI, A. B. dos R. PITTON, S. E. C. ORTIGOZA, S. A. G. **Leitura do Espaço Geográfico Através das Categorias: Lugar, Paisagem e Território**. Conteúdos e Didática de Geografia. Volume 9 – D22 – Unesp/UNIVESP – 1ª edição, graduação em Pedagogia, 2012, (p. 33-40). Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/47175/1/u1_d22_v9_t02.pdf>.
- SILVA, Elisa Marie Sette; NAPOLITANO, Juliana Elisa; BASTOS, Silvana (Org.). **Pequenos Projetos Ecosociais de quebradeiras de coco babaçu: reflexões e aprendizados**. - Brasília: ISPN, 2016. Disponível em:< <https://www.miqcb.org/publicacoes> >.

APÊNDICE 2- Plano de aula (b)

PLANO DE AULA	
Escola:	
Disciplina: Geografia	
Professor(a):	
Ano: 3º ano do Ensino Fundamental	Turma:
Data:	
TEMA: O LUGAR A PARTIR DO ESPAÇO VIVIDO DOS EDUCANDOS	
Conteúdo Programático:	
<ul style="list-style-type: none"> ● Lugar. ● Cultura. ● Espaço vivido. Extrativismo do babaçu. 	
Competências:	
Estabelecer conexões entre diferentes temas do conhecimento geográfico, reconhecendo a importância dos objetos técnicos para a compreensão das formas como os seres humanos fazem uso dos recursos da natureza ao longo da história.	
Habilidades:	
(EF03GE01) Identificar e comparar aspectos culturais dos grupos sociais de seus lugares de vivência, seja na cidade, seja no campo.	
Objetivo Geral:	
Fazer com que o aluno identifique o tipo de cultura do seu lugar de vivência.	
Objetivos específicos:	
<ul style="list-style-type: none"> ● Conhecer a historicidade do lugar e a cultura local. ● Compreender os movimentos e as ações (sentido de pertencimento, afetividade, experiências, cultura e singularidade) que acontecem no Lugar. 	
Metodologia:	
<p>1º Momento: Será escrito no quadro o tema da aula, instigando os/as estudantes a falarem o significado da palavra lugar para eles. Com essa interação será dado início a aula, sucederá com o conceito de lugar a partir dos conhecimentos prévios dos educandos, com os alunos sentados em círculo será feita a seguinte indagação: sabem a história do lugar onde vivem?</p> <p>2º Momento: Após as respostas dos alunos será contado a história do povoado Centro dos Borges, para que os alunos entendam o processo histórico, cultural, econômico e social local. Em seguida será trabalhado o conceito de cultura pegando como exemplo a quebra do coco babaçu realizada na comunidade.</p>	
Recursos Didáticos:	
Papel sulfite A4, materiais de uso do aluno (lápis de cor, lápis de escrever, borracha).	
Avaliação:	

Como atividade será solicitado que os alunos façam desenhos que evidenciam o seu lugar de vivência. Os desenhos feitos serão apresentados em sala, para que os educandos falem sobre o desenho que fez.

Referências:

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Geografia no Ensino Fundamental – Anos Iniciais. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

CARRAZZA, Luís Roberto; SILVA, Mariane Lima da; ÁVILA, João Carlos Cruz. **Manual Tecnológico de Aproveitamento Integral do Fruto do Babaçu**. Brasília-DF. Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN). 2 ed. Brasil, 2012. Disponível em: <<http://www.ispn.org.br/babacu-manual-tecnologico-de-aproveitamento-integral> >.

GIOMETTI, A. B. dos R. PITTON, S. E. C. ORTIGOZA, S. A. G. **Leitura do Espaço Geográfico Através das Categorias: Lugar, Paisagem e Território**. Conteúdos e Didática de Geografia. Volume 9 – D22 – Unesp/UNIVESP – 1ª edição, graduação em Pedagogia, 2012, (p. 33-40). Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/47175/1/u1_d22_v9_t02.pdf>.

SRIRAISHI NETO, Joaquim. **Quebradeiras de coco: “Babaçu Livre” e Reservas Extrativistas**. Revista Veredas do Direito, Belo Horizonte, v.14, n.28, p.147-166, jan/abr. 2017.

SERPA, Angelo. **Por uma geografia dos espaços vividos: geografia e fenomenologia**. São Paulo: Contexto, p.128, 2021.

SILVA, Nubelia Moreira da; ARAGÃO, Raimundo Freitas. **A observação como prática pedagógica no ensino de Geografia**. Geosaberes, Fortaleza, v.3, n.6, p.50-59. jul./dez. 2012.

APÊNDICE 3- Plano de aula (c)

PLANO DE AULA	
Escola:	
Disciplina: Geografia	
Professor(a):	
Ano: 8º ano do Ensino Fundamental	Turma:
Data:	
TEMA: A CATEGORIA TERRITÓRIO NO CONTEXTO LOCAL E GLOBAL	
Conteúdo Programático:	
<ul style="list-style-type: none"> ● Território dos babaquais na escala local e global. ● Território das mulheres quebradeiras de coco. ● Os usos do território no município de Riachinho-Tocantins. 	
Competências:	
Desenvolver autonomia e senso crítico para compreensão e aplicação do raciocínio geográfico na análise da ocupação humana e produção do espaço, envolvendo os princípios de analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem.	
Habilidades:	
(EF08GE10) Distinguir e analisar conflitos e ações dos movimentos sociais brasileiros, no campo e na cidade, comparando com outros movimentos sociais existentes nos países latino-americanos.	
Objetivo Geral:	
Fazer com que o aluno compreenda território e territorialidades.	
Objetivos específicos:	
<ul style="list-style-type: none"> ● Conhecer as diferentes concepções dos usos dos territórios. ● Identifica os territórios tradicionais. ● Instigar os/as estudantes a criarem o seu próprio questionamento diante das situações que os rodeiam. 	
Metodologia:	
<p>1º Momento: Consistirá na contextualização do tema da aula. Apresentar o tema, o conteúdo que será abordado e questionar sobre o que eles entendem por território e territorialidades.</p> <p>2º Momento: Assim, por meio da problematização o conceito de território e territorialidade será explicado aos educandos. Exibição do vídeo com o tema: “QUEM SÃO AS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU?”. Na sequência discutir qual a relação do vídeo com o assunto da aula.</p> <p>3º Momento: Acontecerá uma breve conversa acerca do vídeo para que os alunos façam apontamentos sobre o assunto trabalhado em sala, em seguida um mapa será usado para identificar os territórios dos babaquais, das quebradeiras de coco.</p>	
Recursos Didáticos:	

Data show, livro didático, notebook, mapa.

Avaliação:

Como atividade será trabalhado os usos do território no município de Riachinho-TO, solicitando que os alunos identifiquem quais as atividades econômicas que são desenvolvidas na região (agronegócio, agricultura familiar, extrativismo do babaçu).

Referências:

ALMEIDA, G.M; BRITO, E.P. **Sentido e organização do trabalho das quebradeiras de coco no Bico do Papagaio, Tocantins**. Geosul, Florianópolis, v.32, n.63, p.229-248, jan/abr. 2017. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2017v32n63p229/34443>>.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Geografia no Ensino Fundamental – Anos Finais. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

CARLOS, A.F.A; CRUZ, R.C.A (orgs). **A NECESSIDADE DA GEOGRAFIA**. São Paulo: Contexto, p.256, 2019.

GIOMETTI, A. B. dos R. PITTON, S. E. C. ORTIGOZA, S. A. G. **Leitura do Espaço Geográfico Através das Categorias: Lugar, Paisagem e Território**. Conteúdos e Didática de Geografia. Volume 9 – D22 – Unesp/UNIVESP – 1ª edição, graduação em Pedagogia, 2012, (p. 33-40). Disponível em:

<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/47175/1/u1_d22_v9_t02.pdf>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Manual técnico da Vegetação Brasileira**. Série Manuais Técnico em Geociências, n.1, ed.2. Rio de Janeiro: IBGE, p.271, 2012. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=263011>> .

MONTENEGRO, M. K. S; RODRIGUES, S. J. D. **A organização das quebradeiras de coco babaçu e sua produção do território**. Revista Campo – Território. vol.15, n.39. p.145-161, dez, 2020. ISSN 1809-6271. Disponível em:<<https://seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/60277>> .

SOUSA, Igor de. “QUEM SÃO AS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU?”. In: Historiar-Se, 2020. [S.l.]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VoeDrttRehA> Acesso em: 02\06\2022. 1 video (15:19). Transmitido em 09 de ago. de 2020.

ANEXOS

ANEXO 1. Roteiro semiestruturado para coleta de dados primários

Acadêmica: **Doralice Pereira Rodrigues**

As Quebradeiras de Coco Babaçu no povoado Centro dos Borges do município de Riachinho - Tocantins em 2021.

A) Para as primeiras famílias que iniciaram o Povoado Centro dos Borges

1. Quem foram os primeiros moradores de povoado Centro dos Borges?
2. Em que ano esses moradores chegaram? Quais suas origens?
3. Quando o povoado deixou de se uma vila e se tornou distrito do município de Riachinho- Tocantins?
4. Localização?
5. Quantos habitantes?
6. Quando foi criado o povoado?

B) As Quebradeiras de Coco babaçu do Povoado Centro dos Borges

1. Qual seu nome?
2. Você tem filhos? (sim) ou (não). Quantos?
3. Há quanto tempo mora no povoado?
4. Com quem aprendeu a fazer essa profissão? E com quantos anos?
5. Família/ familiares apoiam você na sua profissão?
6. Quebra coco individualmente ou em grupo?
7. Como faz a coleta do coco babaçu? E onde?
8. Quais os motivos que a levaram a quebra coco?
9. Para quais finalidades você usa o coco babaçu? (carvão, azeite, leite, artesanato)
10. Com qual frequência você quebra coco? (todos os dias, alguns dias na semana, por semana)
11. Possui alguma renda? (salário, emprego, Bolsa família)
12. Se sentir representada como mulher quebradeira de coco babaçu na comunidade?
13. Como é ser mãe, dona de casa, produtora rural, mulher quebradeira de coco?
14. A quantas quebradeiras de coco atualmente no povoado?
15. Relate um pouco sobre a sua trajetória de vida.
16. Tem conhecimento sobre o Movimento Interestadual de Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB)?

ANEXO 2. Termo de autorização para uso de dados coletados

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GEOGRAFIA

Av. Paraguai s/nº Setor Cimba | 77824-838 | Araguaína/TO
(63) 3416-5620 | www.uft.edu.br | geoarag@uft.edu.br
Reitoria *Pró-Tempore* – Transição UFT-UFNT



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DADOS

Pessoa maior de 18 anos

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização dos dados informados no questionário, em caráter definitivo e gratuito, decorrentes da minha participação na pesquisa para o trabalho de conclusão de curso (TCC) do curso de Licenciatura em Geografia da unidade acadêmica de Araguaína da Universidade Federal do Tocantins. Sob a responsabilidade da pesquisadora/acadêmica **Doralice Pereira Rodrigues** matricula n.º **2017215587**, RG n. 1.296.336 SSP-TO, CPF. n. 046.131.141-01. Residente na Avenida Goiás, n.º7, Centro, Riachinho - TO. CEP: 77893000. Orientada pela pesquisadora/docente Dra. Kênia Gonçalves Costa, RG. n.º: 3107236 – SSP-GO, CPF. n.º 850.222.091-87 Residente na Rua das Sibipirunas n. 30, setor Araguaína Sul, Araguaína – TO.

Os dados poderão ser exibidos: nos relatórios parcial e final de projetos acadêmicos, em apresentações audiovisuais, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de dados resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

A pesquisadora fica autorizada a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

_____, ____ de _____ de _____.

Assinatura

Nome: _____

RG.: _____ CPF: _____

Telefone: (____) _____ (____) _____

Endereço: _____

Informações para contato como o/a pesquisador/a – Telefone (63) 99937-5249
e-mail: doralice.pereira@uft.edu.br